



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE AUDIOVISUAL E PUBLICIDADE
MEMORIAL DESCRITIVO DO PRODUTO

GIOVANNI RUGGERI

DANDARA

Um roteiro de longa-metragem sobre o Quilombo dos Palmares

BRASÍLIA, DF
2021

GIOVANNI RUGGERI

DANDARA

Um roteiro de longa-metragem sobre o Quilombo dos Palmares

Memorial descritivo do produto apresentado à Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Audiovisual.

Orientadora: Denise Moraes.

BRASÍLIA, DF

2021

Projeto aprovado em ____ / ____ / ____ para a obtenção de grau de Bacharel
em Comunicação Social com habilitação em Audiovisual.

Banca examinadora

Orientadora Prof^a. Dr^a. Denise Moraes

Prof^a. Dr^a. Edileuza de Souza Penha

Prof. Dr. Pablo Gonçalo

Suplente Prof. M^a. Emília Silberstein

BRASÍLIA, DF

2021

*A carne mais barata do mercado é a carne negra...
Que fez e faz História carregando esse país no braço.
(Seu Jorge, Marcelo Yuka, Elza Soares)*

À todas as dandaras e zumbis

À minha mãe, minha maior Dandara.

Ao meu pai, o maior incentivador do meu lado artístico.

À minha irmã, que me mostrou o que significa a maternidade.

Ao meu cunhado que me deu suporte durante os anos de universidade, assim como sua família.

Às minhas sobrinhas: Helena, Clara e Laura.

Ao meu padrinho Moacir e meu amigo Diego, que habitam o plano espiritual.

Aos meus ancestrais: Adalgisa, Alda, Ernestina e Orlando Martins; Silvia, Dolores e Giovanni Ruggeri; e todos aqueles que não conheci.

Aos meus amados amigos, que me deram suporte emocional para chegar até aqui.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer:

O presidente da associação do Quilombo Urbano do Capão Negro, Elizeu da Silva “Xumxum” por gentilmente conversar comigo e se dispor a me ajudar nas pesquisas. Também Regina Oliveira por me passar o contato do Xumxum.

Lísya Gullo sem a qual eu não conseguiria acessar os documentos históricos.

Allyson Medeiros que me ensinou sobre a Umbanda, Candomblé e cosmologia iorubá.

Dan Maloba, meu amigo congolês que me ajudou a conhecer a cultura da República Democrática do Congo e a escrever os diálogos em kikongo assim como Matondo Kuanzambi que o ajudou nas traduções. Odette Mwehu, mãe do Dan, que lhe contou sobre algumas tradições do Congo.

Ana Célia, quilombola e minha conterrânea do Pará, que me falou sobre seu sonho de ver-se representada nas telas da forma digna como merece.

Professor JBamberg, Mestre Angoleiro, mestre de capoeira que me passou valiosas informações acerca de Palmares. Contramestre Coruja, Édio Neto, meu mestre de capoeira que por causa de suas aulas tive as primeiras ideias para este trabalho.

Isaías Gouveia Cassule, professor de kimbundu que me auxiliou na tradução.

Minha orientadora, Denise Moraes Cavalcante, sem a qual este Trabalho de Conclusão de Curso seria impossível.

Professores e alunos da UnB que me abriram os olhos e a mente, mostrando-me outras possibilidades de enxergar o mundo ao meu redor e me tornar um ser humano melhor.

Técnicos, servidores e terceirizados da UnB que me acompanharam e fizeram essa trajetória possível.

Todas as pessoas que se dedicaram em estudar sobre a negritude, o período escravocrata, Palmares e todos os temas que serviram de base teórica para a construção desse roteiro.

RESUMO

Este trabalho apresenta um roteiro de longa-metragem de ficção. É baseado em fatos históricos do século XVII e focado na luta de resistência dos quilombolas de Palmares, o maior e mais longevo quilombo da América Latina, através da perspectiva da personagem Dandara. No Memorial Descritivo há especificações sobre o processo de escrita e as pesquisas históricas utilizadas para a construção do enredo. O objetivo deste Trabalho de Conclusão de Curso foi desenvolver uma ficção que leve aos espectadores-leitores uma reflexão crítica acerca da História do Brasil como também dos temas do enredo que estão presentes até hoje como, por exemplo, o racismo. O método de escrita foi inspirado nos autores Robert McKee e Christopher Vogler, Doc Comparato e a estadunidense Kim Hudson.

Palavras-chave: Roteiro. Longa-metragem. Ativismo negro. Liberdade e escravidão. Quilombo dos Palmares. Zumbi dos Palmares.

ABSTRACT

This paper presents a fiction feature film screenplay named "Dandara". Its story is based on historical facts of the 17th century and focuses on the resistance fight of the quilombolas of Palmares, the largest and the longest quilombo in Latin America, through the eyes of the character Dandara. This Specification deals with details about the process of screenwriting and the historical research used to build up the story. The objective of this Course Conclusion Paper is to create a fiction that brings the public to critical reflection about the Brazilian History. As the themes of the script unfold they reveal the presence of racism that endures until nowadays. The method of screenwriting was developed by classic authors like Robert McKee and Christopher Vogler, the Brazilian Doc Comparato and the North American Kim Hudson.

Keywords: Screenplay. Feature film. Black activism. Freedom and slavery. Quilombo dos Palmares. Zumbi dos Palmares.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. OBJETIVO	11
3. JUSTIFICATIVA	12
4. REFERENCIAL TEÓRICO	14
4.1. América, África e Europa no século XVII	14
4.1.1. Economia Colonial	15
4.1.2. Reinos africanos e suas heroínas	18
4.1.2.1. <i>Reino do Dongo</i>	19
4.1.2.2. <i>Reino do Daomé</i>	22
4.1.2.3. <i>Reino do Congo</i>	24
4.2. Ficção e realidade em Dandara	25
4.2.1 Ritos de desumanização	26
4.2.2. Ocupação holandesa	28
4.2.3. Angola Janga	28
4.2.3.1. <i>Mocambos</i>	29
4.2.3.2. <i>Expedições</i>	31
4.2.3.3. <i>O Acordo de Recife</i>	32
4.2.3.4. <i>A derrocada</i>	33
5. METODOLOGIA	36
5.1. Método McKee e Comparato	37
5.2. A Jornada do Herói e A Promessa da Virgem	41
6. CONCLUSÃO	45
REFERÊNCIAS	48
Bibliográficas	48
Filmográficas	50
APÊNDICE A — Argumento	53
APÊNDICE B — Perfil das personagens	57
APÊNDICE C — Glossário	59

1. INTRODUÇÃO

No presente memorial descritivo, registrei as pesquisas que serviram de base para a elaboração do roteiro de longa-metragem *Dandara*. É uma ficção sobre o Quilombo dos Palmares através do olhar de Dandara, uma guerreira que luta pela liberdade. O Quilombo dos Palmares foi o maior de todos os quilombos, uma das mais poderosas formas de resistência contra a escravidão do Brasil colonial.

As questões que buscaram ser respondidas nesta pesquisa giraram em torno da contextualização histórica. O que acontecia no local e período em que a história se passa? Como esses fatos poderão ser dramatizados para se encaixar na narrativa que pretende-se contar? Como funcionavam as coisas dentro do quilombo? De onde provinham os seres humanos escravizados naquele local e período?

A história se passa na Serra da Barriga, antiga Capitania Geral de Pernambuco, atualmente no estado de Alagoas, municípios Viçosa e União dos Palmares. O principal movimentador da economia colonial desse período foi a produção de açúcar, o que estava intrinsecamente relacionado à escravidão.

A maior parte dos sequestrados na África e trazidos à força ao Brasil naquela época eram do que, atualmente, corresponde aos países Congo e Angola. Por tanto, se há pistas da forma de organização sociopolítica, das línguas e culturas presentes no quilombo, certamente estão nos reinos do Congo e do Ndongo (Angola). Também foi significativo os de origem do Golfo do Benin, onde estavam localizados, entre outros, o Império de Oió (de maioria iorubá) e o Reino do Daomé. Em *Dandara* este é particularmente importante por haver um exército formado apenas por mulheres, as Ahosi ou Mino.

Os holandeses ocuparam o Nordeste na primeira metade dos Seiscentos e as disputas com os luso-brasileiros pelos engenhos favoreceu a fuga dos negros escravizados. Serra adentro, nas matas, construía cabanas protegidas com armadilhas e paliçadas, os mocambos. A confederação dos diversos mocambos ficou conhecida pelos colonos como Palmares e entre os quilombolas era chamado de Angola Janga. Com o passar dos anos, o número de quilombolas tornou-se tão expressivo que a Coroa Portuguesa passou a combatê-los com severas investidas até destruírem o mocambo principal em 1694. O líder Zumbi dos Palmares foi

assassinado no ano seguinte e declarou-se ser o fim dos Palmares.

Além das buscas históricas, foi essencial conhecer autores que elaboraram métodos de escrita de roteiro. Robert McKee (1997) e Doc Comparato (1995) possuem tópicos em comum, preocupados no desdobramento de uma ideia até o roteiro final, sendo o primeiro mais focado na dramaturgia e o segundo envolvendo esta com a forma padronizada no mercado audiovisual. Christopher Vogler (2006) e Kim Hudson (2010) focaram suas teorias em identificar e descrever arquétipos e as estruturas arquetípicas universalmente reconhecidas em todas as narrativas. Esses autores oferecem ferramentas que foram tão úteis para *Dandara* quanto pode ser para qualquer outro roteiro.

Na seção 4.1. há informações mais detalhadas sobre o contexto histórico dos três continentes envolvidos na diáspora, América, África e Europa; da economia baseada em açúcar e escravidão; dos reinos importantes para a história assim como acerca das mulheres guerreiras do Daomé e Jinga Mbandi, a polêmica rainha do Ndongo e da Matamba. No tópico 4.2. há as principais diferenças entre o que aconteceu historicamente e o que teve que ser adaptado para a ficção. A seção 5. é dedicada às metodologias utilizadas para o desenvolvimento de *Dandara*, subdivididas nos métodos McKee e Comparato e as jornadas arquetípicas do Herói e da Virgem. Nos apêndices encontram-se o argumento, o perfil das personagens e um glossário de palavras relevantes para o universo ficcional do roteiro que foram encontradas durante a pesquisa.

Atualmente, Palmares transformou-se em um símbolo do ativismo negro na luta contra as opressões do racismo estrutural, assim como seu mais famoso líder, Zumbi dos Palmares. *Dandara* não pretende tratar da História per se, mas de fazer o espectador-leitor ater-se às questões do passado que mantêm-se constantemente presentes até os dias de hoje na sociedade brasileira.

2. OBJETIVO

O presente trabalho descreve etapas da realização do roteiro de longa-metragem *Dandara*. Espera-se trazer uma reflexão crítica sobre os temas ali abordados, tais quais: a luta por liberdade e igualdade de direitos; a valorização para com os antepassados e sabedorias tradicionais; o respeito para com as culturas não-europeias que “fundaram” o Brasil; o empoderamento feminino e negro; as lutas históricas e outros.

Almeja-se responder a questões como: o que acontecia no local e período em que a história se passa? Como esses fatos poderão ser dramatizados para se encaixar na narrativa que pretende-se contar? Como funcionavam as coisas dentro do quilombo? De onde provinham os escravizados naquele local e período?

Durante o percurso da escrita do longa-metragem busquei responder a tais questões com o intuito de criar uma ficção mais próxima possível ao contexto histórico retratado.

3. JUSTIFICATIVA

Me tornei negro aos 16 anos de idade. Foi apenas com essa idade que entendi quem eu sou. Filho de uma mulher negra e um espanhol branco, transitava entre os dois mundos completamente diferentes sem ter uma identidade concreta, como *Barry* (2016). A cor da minha pele nunca foi escura o suficiente para ser explicitamente reconhecido como negro ou meus traços finos o bastante para ser visto como branco. Sempre repudiei minhas características negras até entender que não eram defeitos. Não se tratava de uma ideia que eu criei, mas que me foi socialmente imposta. Como uma criança negra pode gostar da própria aparência quando tudo o que se apresenta como belo nas telas não se parece com ela? Apenas com dezesseis pude compreender e deixei o cabelo crescer, assumindo minha identidade.

Há notícias de violência contra pessoas negras todos os dias nos jornais. Estima-se que a cada vinte e três minutos um jovem negro é assassinado no país. De acordo com o EL PAÍS, “Em 2018, 75,7% das vítimas de homicídio no Brasil eram negras. [...] De 2008 a 2018, o número de homicídios de pessoas negras no país aumentou 11,5%, já entre pessoas não negras caiu 12,9%”¹. O Brasil tem a segunda maior população negra do mundo, ficando atrás apenas da Nigéria. O que se abstrai desses dados é que não se trata de um acaso, senão de um genocídio.

Após debruçar-me sobre tais questões, vieram-me as dúvidas: quando tudo começou? Na época da escravidão? Seria esta a causa do racismo ou o contrário? Após pesquisas, passei a interpretar que a escravidão precedeu o racismo, sendo este uma consequência para justificar a transformação dos escravizados em espécies de máquinas de trabalho compulsório. Uma consequência que levou a muitas outras, cada vez mais drásticas.

A História é contada pelos vencedores que também são, frequentemente, os opressores. Há um provérbio, atribuído genericamente aos africanos, que diz "até que o leão aprenda a escrever, a História sempre exaltará a versão do caçador". É necessário que o “leão” tenha a oportunidade de escrever a própria narrativa. Em 1888, por pressão dos ingleses, a Princesa Isabel assina a Lei Áurea, que acabava

¹ Disponível em:

<https://brasil.elpais.com/brasil/2020-08-27/numero-de-homicidios-de-pessoas-negras-cresce-115-em-onze-anos-o-dos-demais-cai-13.html> Acesso em 26 de abril de 2021.

formalmente com o sistema escravocrata, entretanto não oferecia nenhuma alternativa ao enorme contingente populacional que seria recusado nos empregos de maior prestígio.

O racismo arraigado em nossa cultura é tão cotidiano que muitas vezes reproduzimos atitudes racistas inconscientemente. Não é intrínseco ao indivíduo, mas aprendido ao longo da vida e, se é possível construir a mentalidade racista, também o é desconstruir. Uma poderosa ferramenta para a conscientização e transformação social é o audiovisual.

Dandara é necessário, é urgente, pois a arte inspira a vida e vice-versa. Parafraseando Mário Quintana, o cinema não muda o mundo, quem muda são as pessoas, o cinema só muda as pessoas (se estiverem dispostas a mudar). Devemos descolonizar nosso olhar, aderir outras perspectivas, abraçar novas formas de conhecimento, este parece-me o único caminho para a construção de um mundo mais justo e igualitário.

4. REFERENCIAL TEÓRICO

Para redigir um roteiro que se passa em outra época, é imprescindível entender o contexto desse determinado período como um todo. *Dandara* se passa no século XVII e, portanto, os personagens devem ser condizentes com as culturas nas quais estão inseridos. Fiz uma pesquisa histórica detalhada, com o intuito de ser o mais fidedigno possível (dentro dos limites da dramaturgia) à época e ao local de origem ou em que habitam os personagens.

Os tópicos mais importantes foram: a economia colonial, baseada no açúcar e tráfico de seres humanos; os reinos africanos, de onde vieram a maior parte dos escravizados, assim como os ascendentes de *Dandara*, Lukeni e outros no Quilombo dos Palmares em *Dandara*. No tópico 4.2. salientei as diferenças entre os resultados das pesquisas e as adaptações realizadas na ficção em questão.

4.1. América, África e Europa no século XVII

Nos primórdios do capitalismo mercantil, a evolução das navegações e o domínio das correntes marítimas pelos europeus, principalmente portugueses e espanhóis, mudou radicalmente a configuração do continente americano e africano. A América do Sul foi dividida em América Portuguesa e América Espanhola no Tratado de Tordesilhas. Com a chegada dos europeus, vieram também muitas doenças das quais os indígenas sul-americanos não possuíam defesas, o que resultou na morte de milhares de indígenas. Os portugueses encontraram no Brasil uma vasta natureza, um "paraíso terrestre", como chamou Américo Vespúcio, pronta para ser explorada e comercializada.

Inicialmente, os portugueses utilizaram mão-de-obra escrava indígena. Conhecedores das florestas brasileiras e muitos deles falantes da língua geral criada pelos jesuítas, o Nheengatu, ou com troncos linguísticos em comum, os indígenas passaram a não ser considerados como força de trabalho mais apropriada para a escravização dentro do próprio país.

Os primeiros "laboratórios" do que viria a ser o Brasil do século XVII foram: Arquipélago de Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e as demais ilhas atlânticas ao largo da costa da África (GOMES, 2019, 182). Nessas ilhas, plantou-se diversas

espécies de vegetais, entre eles, a cana-de-açúcar. Foi o início da exploração da mão-de-obra escrava africana.

4.1.1. Economia Colonial

A cana-de-açúcar iria se tornar a principal movimentadora econômica da Colônia Portuguesa assim como o tráfico de seres humanos.

A cana deveria ser cortada e moída, o processo acontecia em moinhos movidos por tração animal ou força hidráulica. O caldo era extraído e ia para a casa das fornalhas, onde era cozido e transformado em melaço. Na casa de purgar separava-se o melaço dos cristais de açúcar, que viravam os "pães de açúcar", um bloco no formato de pão caseiro. Ao contrário do que é atualmente, o açúcar mascavo era considerado de menor qualidade e por isso era menos valorizado que o açúcar branco, também chamado de "ouro branco". O açúcar passou a ser uma iguaria na Europa, inicialmente vendido a preços exorbitantes, só podendo ser apreciado pela aristocracia, mas durante o século XVII, com a produção massiva, o açúcar tornou-se "o primeiro bem de consumo em massa na história da humanidade" (ibid, 314).

O Nordeste oferecia um clima propício ao plantio de cana-de-açúcar. No século XVII, os menores engenhos produziam, em média, quinze toneladas por ano e os maiores, até 150 toneladas. O trabalho nas lavouras requeria intenso desgaste físico e muitas horas de trabalho com pouco tempo para o descanso. A solução encontrada na época foi a escravização.

Esse sistema só poderia ser mantido através da coerção e da violência. Porém, não tratava-se de uma novidade, Laurentino Gomes afirma que "a escravidão é tão antiga quanto a própria história da humanidade" (ibid, 25). Poucos povos ao longo da História não foram escravizadores ou escravizados². A palavra "escravo" tem origem no latim medieval, *slavus*. Portanto, relacionado aos povos eslavos, de maioria branca com olhos azuis. Com o tráfico transatlântico, "pela primeira vez, escravidão se tornou sinônimo da cor de pele negra" (ibid, 26).

² Ao contrário de "escravo", o termo "escravizado" reforça a ideia de que não se trata de uma condição humana por natureza, mas de uma imposição por um grupo social. "Cativo" é o que mais se encaixa na definição do modelo escravista na África, por se tratar de, em muitos casos, uma condição temporária (D'SALETE em *Guerras do Brasil.doc*).

Havia já na África uma escravidão e um tráfico de escravos dentro da África. Veja bem, os africanos não são um povo, não são uma nação. Os africanos são indivíduos que habitam um continente que se chama África. Então havia nações diferentes que se guerreavam exatamente como na Europa (ALENCASTRO, Guerras do Brasil.doc, 2019).

O olhar sob a escravidão "entre africanos", não deve ser sob uma perspectiva anacrônica. A formação dos estados-nação, o sentimento nacionalista e o conceito de "pan-africanismo" só viria se concretizar no continente africano ao longo do século XX. Os diferentes povos que lá habitavam não possuíam noção de pertencimento, portanto, é tão incoerente afirmar que "africanos escravizavam uns aos outros" quanto que "europeus escravizavam europeus". Tal como os romanos faziam com povos inimigos, as diferentes etnias africanas capturavam adversários e os condicionavam como cativos, podendo muitas vezes voltarem a ser livres. Segundo Laura Mendes, no documentário Guerras do Brasil.doc (2019):

A escravidão que havia na região do Congo-Angola não é uma escravidão dentro dos moldes do capitalismo ou do mercantilismo [...]. É uma escravidão que vem de uma tradição para pagamento de dívida, prisioneiros de guerra.

A grande diferença em relação ao sistema escravista ocidental reside na desumanização do escravizado, que passou a ser instrumento de trabalho e objeto comercializável desprovido de direitos básicos e, principalmente, de dignidade humana. Os portugueses, espanhóis, holandeses, franceses, ingleses e outros povos, utilizaram-se de um sistema de comercialização escrava, já existente na África, e fomentaram guerras para conseguir mais mão-de-obra.

A narrativa a seguir é da tradição oral do povo pende, sobre a chegada dos portugueses e início do tráfico negroiro:

Um dia, os homens brancos chegaram em navios com asas que brilhavam como facas ao sol. Travaram duras batalhas com o angola [soberano local] e cuspiram-lhe fogo. [...] Trouxeram-nos milho e mandioca, facas e enxadas, amendoim e tabaco. Desde então e até os nossos dias, os brancos nada nos trouxeram senão guerras e misérias (BOXER, 1969 apud GOMES, 2019, p. 45).

As consequências da escravidão sistemática fomentada pelos europeus podem ser vistas até os dias atuais tanto na África quanto na América. A invasão europeia prejudicou as estruturas políticas vigentes nesses dois continentes. Um

exemplo é o Reino do Congo³ que, antes da chegada dos portugueses, em 1483, possuía forte estrutura social e política (BATSÍKAMA, 2021). Após estratégicos assassinatos de líderes, o reino acabou por se dissipar e transformar-se em um ambiente perigoso e politicamente instável. A situação transformou-se em uma “bola de neve”: os colonizadores vendiam armas para estimular mais guerras e com isso obterem mais escravizados.

Além do trabalho nas lavouras, os cativos no Brasil faziam todo tipo de serviço e eram comprados por todas as classes sociais, sendo as pessoas com deficiência ou os idosos vendidos a preços mais baixos (GOMES, 2019). A própria Igreja Católica possuía cativos que membros do clero comercializavam e também recebiam como doação e arrecadação de impostos pela Coroa Portuguesa.

O discurso abaixo, é de autoria do padre Antônio Vieira, destinado à escravizados de um engenho em 1633:

A mãe de Deus [...] vos escolheu de entre tantos outros de tantas e tão diferentes nações, e vos trouxe ao grêmio da Igreja, para que lá [na África] não vos perdésseis, e cá [no Brasil] como filhos seus, vos salvásseis. [...] Oh, se a gente preta tirada das brenhas da sua Etiópia⁴, e passada ao Brasil, conhecera bem quanto deve a Deus, [...] por este que pode parecer desterro, cativo e desgraça, e não é senão milagre, grande milagre! (VAINFAS, 1986, apud GOMES, 2019, p. 337-338).

O padre Vieira (1951, v. XII, p. 340 apud SOUZA, 2020, p. 66) escreveu muito sobre esta temática e como consolo aos cativos, proclamava que o “corpo é escravo, mas sua alma é livre”. Gomes afirma que “com raras opiniões isoladas até o final do século XIX, a Igreja Católica nunca se posicionou oficialmente e de forma inequívoca contra a escravidão” (2019, p. 339). Apesar de reconhecerem a imortalidade da alma dos negros, os membros do clero possuíam cativos, inclusive os franciscanos que faziam voto de pobreza.

Inicialmente, os portugueses e espanhóis acreditaram que os indígenas não possuíam alma. Após a escravidão indígena tornar-se menos comum e lucrativa quanto a africana, os indígenas tiveram sua alma reconhecida pelos jesuítas no Brasil. Enquanto que em relação aos africanos, pouco se discutiu (ibid, p. 130).

³ A maior parte dos personagens moradores de Palmares provém deste reino na ficção *Dandara*. No Reino do Congo a língua falada pela maioria era o kikongo que deu origem à muitas palavras dos diálogos no roteiro.

⁴ Nessa época, o continente africano era chamado pelos portugueses de Etiópia, Etiópias, Negrolândia, Guiné ou Guinés.

Os africanos passaram a ser considerados selvagens que, se não fossem escravizados e “educados” na fé cristã, estariam para sempre condenados à barbárie. O italiano Jorge Benci chegou a afirmar que os negros deveriam estar sujeitos constantemente ao trabalho, pois “os pretos são sem comparação mais hábeis para o gênero da maldade que os brancos” e nunca deveriam estar no ócio.

Para trazer bem domados e disciplinados os escravos é necessário que o senhor não lhes falte com o castigo, quando eles se desmandam e fazem por onde merecerem [...] Não é crueldade castigar os servos, quando merecem por seus delitos serem castigados, mas antes é uma das sete obras da misericórdia que manda castigar os que erram (BENCI, 1705 apud GOMES, 2019, p. 342).

Depreende-se que considerar ou não a alma de um povo ou etnia era apenas questão de conveniência mais que uma convicção enraizada ou baseada em crença religiosa. A necessidade da mão-de-obra escrava era acompanhada de concepções que contradiziam e distorciam os próprios princípios do cristianismo. O batismo era um dos ritos mais importantes para os portugueses católicos e, quando o sistema escravista estruturou-se, tornou-se obrigatório aos recém escravizados, “ainda que vazio de significado em termos efetivos de conversão” (SOUZA, 2020, p. 74). O ritual era seguido de marcação no corpos do escravizado, o que aumentava seu preço (vide tópico 4.2.1.).

4.1.2. Reinos africanos e suas heroínas

Quando os europeus invadiram o continente africano, além de tribos isoladas e etnias nômades, encontraram cidades-Estados, reinos e impérios organizados com políticas, legislações, religiões, ciências e tecnologias próprias.

É importante salientar que a decadência e extinção do reino do Kôngo seriam causadas pelas intromissões dos Portugueses e Europeus em assuntos públicos do reino do Kôngo desde 1491 [...] Já em 1838, o reino do Kôngo tinha perdido quase todas as suas instituições políticas e territoriais (KABWITA, 2004 apud BATSÏKAMA, 2011, p. 27).

Tal como na Europa do século XVII, a religião não poderia ser dissociada da política e organização social. A filosofia ubuntu, “eu sou porque você é” (BBC, CURSINO, Malu, 2020) ilustra o comportamento típico de muitas etnias da África

banto entre os membros de um mesmo grupo. No caminho oposto ao individualismo ocidental, nessas comunidades o bem-estar coletivo está acima do individual, essa é a ideologia predominante no Quilombo dos Palmares em *Dandara*. Algumas etnias africanas até hoje possuem tradição matriarcal, outras conservam parcialmente algumas características do matriarcalismo, como a matrilinearidade e a matrilocidade (PORTILHO, 2019).

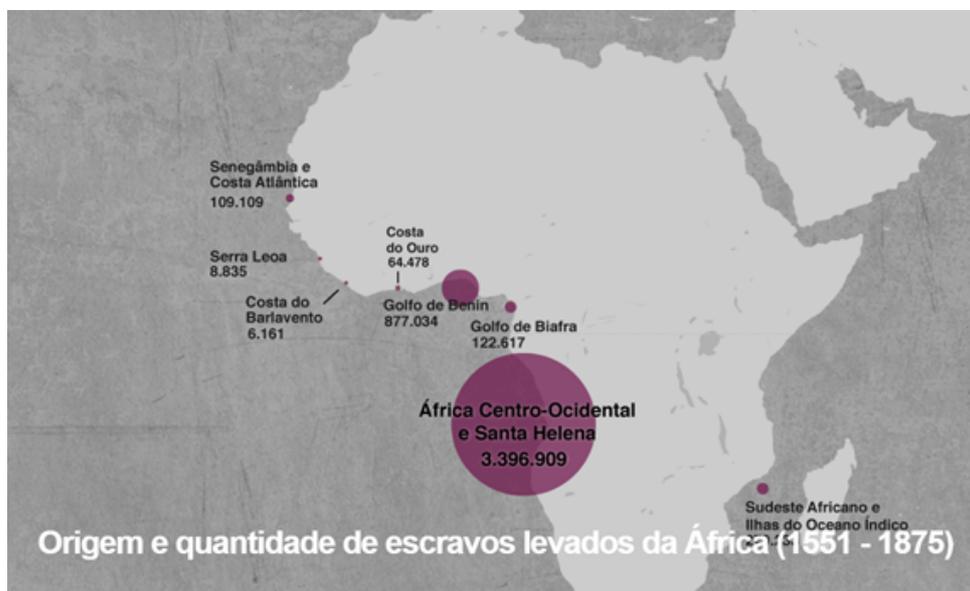
4.1.2.1. Reino do Dongo

O Reino do Dongo (Ndongo ou Andongo) era localizado na atual Angola⁵ e tem registros desde o século XIV até o XVII. Ficava ao sul do Reino do Congo e a etnia de seu povo era ambundo, de acordo com Flávia de Carvalho (2011). Eram falantes do quimbundo, tronco linguístico banto, e origem da grande parte das palavras de origem africana incorporadas ao português brasileiro. Utilizavam búzios como moeda.

Laurentino Gomes estima que 70% dos escravizados que vieram ao Brasil eram do que hoje corresponde aos países Congo e Angola, quase 90% do total de 854 mil escravizados que desembarcaram na Capitania de Pernambuco (local onde se passa a história de Dandara) saíram dessa região (2019, p. 266-267). O contingente populacional originário de Angola era tão expressivo que fez com que o padre Antônio Vieira declarasse: “Sem Angola, não há negros; e, sem negros, não há Pernambuco” (ibid, 221). A forma com que os aquilombados e os escravizados referiam-se ao que se conhece como Quilombo dos Palmares reflete tal contingente, chamavam-no de Angola Janga, que significa “pequena Angola”. Era de fato como um reino africano dentro do Brasil, devido sua extensão, tamanho populacional e importância política que ganhou.

⁵ A origem do nome do país provém de como os habitantes chamavam o soberano, *ngola*. A primeira letra é anasalada, mas os portugueses tinham dificuldade de pronunciar sem o “a”.

Figura 1: infográfico de origem dos escravizados.



Fonte: BBC. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/resources/idt-sh/lutapelaabolicao>
Acesso em: 11 nov. 2020

O soberano do Dongo, o angola, possuía poder limitado e restrito. O sistema político era o sobado⁶ em que os sobas, chefes locais, tinham certa independência e autonomia em seus territórios (CARVALHO, 2011). Eram temidos e respeitados pelos portugueses, pois “nada acontece no território sem seu absoluto conhecimento” (CODORNEGA apud GOMES, 2019). Os makota eram idosos conselheiros do angola e parte da “nobreza” do reino, tamanha a importância que era dada aos mais idosos, por eles vistos como acumuladores de sabedoria e experiência (CARVALHO, *ibid*, p. 11-12).

No Reino do Dongo havia hierarquia até mesmo entre os escravizados. Os *mubika* eram capturados durante guerras regionais e eram entregues aos traficantes. Acima deles estavam os *kijuku* que não podiam ser comercializados. Após a invasão portuguesa, o reino do Ndongo passou por grande instabilidade política. Os luso-brasileiros, queriam manter no poder apenas os sobas e angolas que fossem aliados à eles e colaborassem com o tráfico humano, os demais seriam eliminados.

É neste contexto que nasce uma das rainhas mais notáveis da História da África, Jinga Mbandi⁷. Os portugueses queriam construir mais um forte no território

⁶ O sistema político de Angola Janga em *Dandara* foi baseado no sobado e os chefes de cada mocambo chamados de sobas.

⁷ Também é encontrada na literatura como: Jinga, Nzinga, Mbandi, Mbande ou Mbande. Foi uma das mulheres que inspiraram a construção de Dandara.

do Ngola Mbandi e retomar o comércio de seres humanos que estava paralizado devido aos conflitos com as lideranças locais. A Irmã do angola, aparece pela primeira vez em registros escritos, na função de diplomata, enviada por ele para negociar a paz com o governador português João Correia de Sousa, de acordo com Mariana Bracks Fonseca (2012, p. 113). Na audiência, não havia lugar para Jinga sentar-se e, revoltada, fez com que uma de suas criadas se abaixasse com joelhos dobrados e mãos no chão para servir de cadeira. Ao sair disse: “já não preciso dela, nunca me sento duas vezes na mesma cadeira!” (GOMES, 2019, p. 395).

Os presentes ficaram atônitos mais pela atitude desafiadora de Nzinga, que não quis estar em posição inferior ao governador português e contrariou as expectativas demonstrando por esse gesto sua forte personalidade e postura política que exigia respeito (FONSECA, 2012, p. 114).

Após esse episódio marcante, foi batizada e recebeu o nome cristão Ana de Sousa. Um ano depois da primeira audiência, Jinga reapareceu como rainha do Reino do Dongo, renegara o catolicismo, seu nome cristão, voltara a praticar a religião dos antepassados e fez aliança com os temidos guerreiros “jagas” (GOMES, 2019, p. 396).

Este era um termo genérico utilizado pelos europeus para designar povos altamente militarizados, nômades e antropofágicos, frequentemente encontrado na literatura como sinônimo da etnia imbangala. “Foram descritos como bárbaros, cruéis, canibais, um povo que vivia de guerra, causando destruição das estruturas mais civilizadas da África Central” (FONSECA, 2012, p. 36). De acordo com Patrício Batsíkama (2021, p. 39), “Na tese de Raphael Batsíkama, eram militares kôngo [...] cuja antiocidentalização orientou seus atos”. Por serem nômades, não podiam sustentar a criação de crianças nem linhagens sanguíneas, conseguiam novos membros para o grupo conclamando guerreiros nas invasões aos povoados.

Jinga voltou-se contra os portugueses “atacando agentes do tráfico e comboios de escravos” (GOMES, 2019, p. 396) como forma de prejudicar a principal atividade econômica e razão da presença portuguesa. Os cativos roubados passavam a fazer parte de seu exército, e tão logo Jinga passou a controlar uma enorme região à qual os portugueses perderam acesso. Sob uma perspectiva eurocêntrica, o viajante holandês Alpern descreve-a da seguinte forma:

Apreciava lutar e vestia-se como um homem. Após ir a guerra, ela dançava com peles de animais e com uma espada suspensa em seu pescoço, um machado preso em seu cinto e um arco e flechas em suas mãos, ágil como um homem jovem. [...] Ao mesmo tempo, Nzinga mantinha um harém com cinquenta ou sessenta homens vestidos como mulheres (ALPERN, 1998, p. 2 apud SUGUIAMA, 2019, p. 13).

Em 1630, ela se torna rainha do Reino da Matamba, ao oriente do Dongo. Após redimir-se com a Igreja Católica e casar-se com “um só homem”, faleceu aos 81 anos, em 1663, “nos braços de frei Cavazzi, depois de receber a extrema-unção” (GOMES, 2019, p. 400). A importância de Jinga não limitou-se ao século XVII, uma vez que transformou-se em notável símbolo para as gerações seguintes:

Foi essa mulher corajosa e irreverente, hábil guerreira, que durante toda a primeira metade do século XVI⁸ desafiou o poder e as armas de Portugal. [...] Na África, [...] defensora da liberdade e dos direitos do seu povo, em eterna luta contra a opressão dos colonizadores europeus. No Brasil, é celebrada em manifestações populares e festas negras [...]. Nos Estados Unidos, foi adotada como símbolo do movimento feminista. (GOMES, 2019, p. 394).

4.1.2.2. Reino do Daomé

O reino foi fundado no início do século XVII e chegou ao seu fim em 1904. Os europeus batizaram a região onde se localiza o reino como “Costa dos Escravos” tamanha a intensidade do tráfico humano, atualmente corresponde à República do Benin. O centro político ficava na cidade de Abomé. O grupo étnico e linguístico predominante foi o dos fon. Neste reino, era comum mulheres atuarem em cargos políticos, nas forças armadas e no comércio. Danielle Suguiama afirma que “para cada cargo ou função ocupado por um homem, haveria outro idêntico e simultaneamente exercido por uma mulher” (2019, p. 11). Era uma monarquia eletiva na qual o sucessor ao trono seria escolhido pela família real vigente.

Os portugueses chegaram na baía do reino em 1472, porém o comércio com os daomeanos só ocorreu de fato na segunda metade do século XVI, como afirma Joice Santos (2012, p. 35). Além de bens materiais, o tráfico de seres humanos foi uma das principais atividades comerciais entre europeus e o reino do Daomé. “Os escravos da comunidade local eram distintos dos que eram vendidos para exportação. As leis daomeanas proibiam a venda para além-mar dos nascidos no

⁸ Provavelmente, trata-se de um erro na publicação, pois ela nasceu em 1582.

Daomé.” (ibid, p. 37).

Abaixo do rei só havia dois cargos administrativos: *migan e mehu*. *Migan* era o que os portugueses denominavam “primeiro ministro”, enquanto o *mehu* era responsável por finanças e comércio. Os reis do Daomé raramente iam nas cidades litorâneas, o que levou os europeus a acharem que possuíam alguma crença em relação ao mar (ibid, p. 38). O principal inimigo era o Império de Oyó⁹ (UNESCO, 2014, p. 13), origem de muitos iorubás que foram sequestrados e forçados a vir ao Brasil.

Embora fosse recorrente a existência de um exército feminino no continente africano, as *Ahosi* ou *Mino*¹⁰, chamaram muito a atenção dos europeus. *Ahosi* significa “esposas do rei”, também eram chamadas de *Mino*, “nossas mães” (ibid, p. 14), pelas falanges masculinas do exército. Os autores europeus associaram-nas às guerreiras amazonas da mitologia grega. No século XVII eram a tropa de elite protetora do rei. Durante o reinado de Ghezo, no século XIX, ganharam maior importância, uma vez que ocorriam muitas baixas no pelotão masculino. Em 1791, eram cerca de 800 mulheres, em 1845 esse número passaria para uma estimativa entre 6 mil a 8 mil (ALPERN, 1998, p. 72 apud SUGUIAMA, 2019, p. 58).

Apesar das *ahosi* hoje terem transformado-se em importante símbolo para o feminismo negro, trata-se de um período em que as discussões acerca de ruptura com os papéis de gênero eram raras ou até inexistentes. Danielle Sugiama aponta:

Não convém compreender as “amazonas” como exemplos de rupturas nesses padrões [de gênero]. Ainda nas canções, eram mencionadas relações antagônicas entre homens e mulheres, em que a covardia era considerada um atributo feminino, enquanto a coragem era algo tipicamente masculino. (SUGUIAMA, ibid, p. 62)

As amazonas [...] em suas próprias declarações, tinham mudado de sexo: “Nós somos homens”, diziam elas, “não mulheres” [...] O que os homens fazem, as amazonas se esforçam para superar. (FORBES, 1851, v.1, p.23 apud SUGUIAMA, ibid, p. 10)

Recrutavam adolescentes daomeanas e de outros povoados vizinhos, que eram submetidas a um treinamento exaustivo e rigoroso. Elas viviam dentro do palácio real, convivendo com apenas eunucos e o monarca. Faziam voto de celibato

⁹ A personagem iorubá, Yeji (que significa “a imagem da mãe”), provém desse império. Os iorubás escravizados no Brasil tiveram população significativa na Bahia. Embora fossem minoria, a forte religiosidade deles marcou e marca presença em todo o país até os dias de hoje.

¹⁰ O exército feminino em *Dandara* adota esse nome.

e o único autorizado a ter relações sexuais era o próprio rei. Quando saíam, uma das Mino balançava um sino para alertar a população que se afastava do caminho, não as olhava nos olhos e as reverenciavam (UNESCO, 2014, p. 15). “Tocar ou mesmo olhar para as mulheres reais era considerado um crime contra a pessoa do rei, sujeito a penas severas” (SUGUIAMA, *ibid*, p. 59).

O primeiro grupo criado foi das *gbeto*, as caçadoras. Tinham a função de caçar elefantes, atividade altamente letal, para obterem marfim e consumir sua carne. Posteriormente, veio a necessidade de se ampliar e passaram a dividir-se em atiradoras (*gulohentó*), arqueiras (*gohentó*), artilheiras (*agbarya*) e as mais temidas, as ceifadoras (*nyekplohentó*). Cada grupo possuía uniforme e armas específicos (UNESCO, 2014). As Ahosi eram mais organizadas, ágeis e corajosas que os soldados homens. Na batalha de Cotonou, em 1890, contra o exército francês, alguns homens hesitaram em atirar nas guerreiras, algumas tinham em torno de 16 anos, elas os liquidaram sem titubear (*ibid*, p. 16). Com o avanço do colonialismo francês, no século XIX, as ahosi sofreram muitas baixas até de fato se extinguirem.

As ‘amazonas’ do Daomé permanecem no imaginário contemporâneo e são vistas como exemplos do protagonismo feminino negro e interpretadas como símbolos de luta e resistência negra, sobretudo, das mulheres [...] Apesar de terem resistido somente até o século XIX, o valor simbólico presente no imaginário social se fortaleceu e continua vivo (SUGUIAMA, 2019, p. 10).

4.1.2.3. Reino do Congo

O reino estava localizado no norte da atual Angola e ao sul do Congo e da República Democrática do Congo. Sua população era majoritariamente composta pelos kongo ou bakongo. Falavam kikongo que, assim como o quimbundo, faz parte das línguas bantas. Ntinu a Lukeni foi o primeiro manicongo¹¹, ainda no século XIV (CAREGNATO, 2011). Em diferentes períodos transitou entre a monarquia hereditária e a monarquia eletiva, restrita a determinadas linhagens. Popularmente, embora não haja evidências, acredita-se que Zumbi dos Palmares possuía algum grau de parentesco com o manicongo.

O centro do poder ficava em Mbanza Kongo, ou São Salvador como era

¹¹ Significa “senhor do Congo”, rei, soberano. Como Zumbi provavelmente era um cargo e não um nome próprio, na ficção, foi batizado de “Lukeni” em homenagem a ele.

chamado pelos portugueses. “O governo central se mantinha pela cobrança de impostos sobre produtos e pelo trabalho compulsório. Essas taxas podiam ser pagas em tecidos de rafia, marfim, metais, cativos e nzimbos”¹² (SILVA, 2002, p. 425 apud CAREGNATO, 2011, p. 7).

Eram altamente hierarquizados e estratificados com base na matrilinearidade (linhagens maternas). Havia uma elite privilegiada composta por diferentes camadas, cada uma com importância e funções distintas. As cidades eram chamadas de *mbanza*, onde viviam os nobres e privilegiados, e as aldeias eram as *lubatas* (ibid, p. 8-9). O primeiro contato, que se tem registro, com os portugueses foi na expedição comandada por Diogo Cão, em 1483. Já nesta primeira viagem, voltaram a Portugal com alguns sequestrados congolezes que se converteram ao catolicismo. Marina de Mello e Souza (1998, p. 5 apud SOUZA, Luana de, 2020) explicita que “por muito tempo, portugueses e congolezes passariam a traduzir noções alheias para sua própria cultura a partir de analogias” quando, na realidade tratava-se de coisas distintas, isso se reflete muito nas noções religiosas de ambos os povos.

Batsikama (2021) afirma que nas religiões tradicionais dos bakongo, havia muito em comum com o catolicismo e, portanto, não é à toa que assimilaram rapidamente muitas das crenças religiosas e incorporaram aos costumes locais. Somando-se a isso, “o cristianismo foi visto como uma arma com a qual o Kôngo poderia alargar sua influência no exterior” (ibid, p. 35). Acreditavam em um Deus Supremo (Nzambi), tríplice como o Deus cristão, além de espíritos ancestrais divinizados, que podem ser associados aos santos católicos.

4.2. Ficção e realidade em *Dandara*

Cabe aqui diferenciar os fatos históricos encontrados nas pesquisas que foram incorporados ao roteiro de longa-metragem daqueles que não o foram, seja por motivos éticos, dramáticos ou outros.

A história de vida de Dandara retratada no roteiro é totalmente fictícia dado que em minhas pesquisas não encontrei nenhuma comprovação científica do que é conhecido pelo senso-comum como sendo sua história: esposa de Zumbi, líder das

¹² Os zimbos, cauris ou búzios também eram usados como moedas no Reino do Dongo e outros reinos e impérios africanos.

falanges femininas do exército, teve três filhos e suicidou-se no dia 6 de fevereiro de 1694 para não retornar à condição de escrava. É impossível determinar uma conclusão sobre a existência dela, uma vez que a historiografia é baseada principalmente em relatos escritos e não há documentos que constem seu nome. Considerando a hipótese de que se trata de uma pessoa real, ainda assim seria muito difícil encontrar evidências já que aqueles que relataram sobre Palmares tinham acesso limitado às informações.

“Dandara” aparece pela primeira vez em um romance literário de João Felício dos Santos, *Ganga-Zumba* (1962), não é uma guerreira, mas uma das esposas de Ganga Zumba¹³. O mito do suicídio confunde-se com o relato falso de que Zumbi teria se atirado de uma enorme pedreira no dia 6 de fevereiro, data do grande ataque contra os palmarinos. Há uma polêmica discussão sobre a presença dela no Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria devido à falta de provas sobre sua real existência. De todas as maneiras, Dandara existe como importante símbolo nos movimentos ativistas e em expressões culturais brasileiras, como por exemplo nas letras e rodas de capoeira.

Personagens, datas e acontecimentos históricos são ferramentas de construção de identidade. Funcionam como âncoras lançadas no passado nas quais procuramos alicerçar valores, convicções, sonhos e aspirações do presente, enquanto preparamos a jornada rumo ao futuro. (GOMES, 2019, p. 422-423).

4.2.1 Ritos de desumanização

Na cena inicial, Dandara recém-nascida e sua mãe, Akula¹⁴, são batizadas, recebem nomes cristãos ao desembarcarem e após serem compradas pelos “donos”. Normalmente, no dia do embarque, ainda no continente africano. Eram cerimônias muito rápidas: o padre dizia em voz alta o nome cristão de cada um e lhes entregava um pedaço de papel com o nome escrito (ainda que não soubessem ler ou escrever). Colocava-se um pouco de sal na língua e despejava neles água benta enquanto se proclamava: “vejam, a partir de agora vocês já são filhos de

¹³ Provavelmente a poligamia era algo comum em Angola Janga assim como no continente africano, entretanto, não me pareceu uma questão relevante para a história de *Dandara*.

¹⁴ Personagem fictícia, seu nome vem do quimbundo *akulo*, que significa “ancestral”. Seu nome cristão é Maria, que remete à santa católica correspondente à Oxum, uma orixá maternal, amorosa e fonte da vida. O de Dandara, Bárbara, corresponde à Iansã, orixá dos raios e tempestades, uma guerreira por natureza.

Deus” (BOXER, 1973, p. 230 apud GOMES, 2019, pp. 280-281). Antes de embarcar, eram marcados com ferro em brasa quatro vezes ou mais:

[...] o selo da Coroa portuguesa era gravado sobre o peito direito, indicação de que todos os impostos e taxas haviam sido devidamente recolhidos. Uma terceira marca, em forma de cruz, indicava que o cativo havia sido batizado. A quarta e última, que poderia ser feita sobre o peito ou nos braços, identificava o nome do traficante [...]. (GOMES, *ibid*, p. 281).

O ato de carimbar seres humanos, como se faz com gado¹⁵, é um poderoso símbolo que determina a objetificação dos escravizados, a partir daquele momento já não são mais considerados seres humanos, mas coisas passíveis de compra, venda, troca, empréstimo, maus-tratos e uso a bel prazer do “dono”. O corpo do escravizado deixa de pertencê-lo e torna-se de outrem.

Eram desembarcados e vendidos em feiras ao ar livre, os mercados negros. Os homens jovens e fortes eram chamados de “peças-da-Índia”, e os mais valorosos e caros, eram vendidos em leilões. Para testar o “produto”, os traficantes e os possíveis compradores os faziam passar por humilhantes rituais como o exame minucioso dos corpos, incluindo as partes íntimas, assim como faz o personagem Francisco, comprador de Dandara e Akula. Gomes (2019, p. 298), descreve que inteiramente nus “eram pesados, medidos, apalpados, cheirados”, algumas vezes pelo próprio comprador, outras, por médicos contratados por eles. “Os compradores enfiavam os dedos em suas bocas para checar se os dentes estavam em bom estado e se a coloração da língua era adequada”.

Embora o tratamento dado ao escravizado variasse de acordo com os “donos”, não era incomum que, logo que chegasse ao local onde trabalharia para o resto da vida, fosse espancado ou chicoteado tão somente para que “aprendesse o seu lugar”.

Nas fazenda, engenhos e lavras minerais, ainda hoje há homens tão inumanos, que o primeiro procedimento que têm com os escravos [...], é mandá-los açoitar rigorosamente, sem mais causa que a vontade própria de o fazer assim [...] como inculcando-lhe, que só eles [os donos] nasceram para competentemente, dominar escravos, e serem deles temidos, e respeitados [...] (ROCHA, 1758/1992, p. 94-95 apud SILVA, 2011, p. 113)

¹⁵Trata-se de uma prática comum desde a Antiguidade tanto no Império Romano quanto no Egípcio.

4.2.2. Ocupação holandesa

No início do século XVII, o Brasil enfrentava invasões holandesas no Nordeste entre 1630 e 1654. Os neerlandeses tinham, entre outros objetivos, roubar os engenhos já construídos pelos colonos e utilizá-los em seu lugar para a lucrativa produção de açúcar. Com os frequentes ataques, muitos escravizados conseguiram escapar e refugiaram-se em quilombos. “Isso fez com que a população palmarina desse um salto quantitativo enorme” (ARAÚJO, Zezito de. Guerras do Brasil.doc), uma vez que isso “provocou uma desorganização dos engenhos e um vazio de poder que propiciou a fuga dos escravizados” (D’SALETE, 2017, p. 9). É durante um ataque holandês que Akula e Dandara conseguem fugir e escapar da escravidão.

4.2.3. Angola Janga

O Quilombo dos Palmares localizava-se na Capitania Geral de Pernambuco¹⁶, com a maior parte do território no atual estado de Alagoas. Apesar de atualmente ser chamado no singular, “o Quilombo dos Palmares”, na realidade corresponde a uma rede de quilombos relativa e politicamente independentes distribuídos por uma extensa área. Palmares¹⁷ é a forma que os colonos chamavam o local em que os aquilombados habitavam. Os negros, indígenas e brancos quilombolas, denominaram de Angola Janga, “pequena Angola” em quimbundo. O termo “quilombo” passaria a ser mais utilizado no século XVIII. Na região Congo-Angola, *kilombo* designava o acampamento militar ou o local de treinamento e onde ocorriam os ritos iniciáticos dos “jagas”. Em quimbundo também designa “aldeia”¹⁸. Na época em que está ambientada *Dandara*, os conjuntos de ocas denominavam-se “mocambos”.

Todos os registros disponíveis foram escritos por homens encarregados de destruir os mocambos e reescravizar os palmarinos: “essas fontes são de soldados, oficiais, senhores de engenho, governadores, padres etc.” (D’SALETE, 2017, p. 419). Portanto, não se pode ter absoluta certeza de como funcionavam as dinâmicas internas dos mocambos. Os historiadores conseguiram algumas pistas baseando-se

¹⁶ Hoje envolve os estados: Paraíba, Rio Grande do Norte, Pernambuco, Ceará e Alagoas.

¹⁷ Devido à abundância de palmeiras na região. Entre outras, o dendezeiro, muito utilizado pelos palmarinos para a construção das moradias e extração do óleo para a cocção.

¹⁸ <http://inzotumbansi.org/home/tradicao-e-cultura/nkanda-dicionario/> Acesso em: 04 jan, 2021.

em estudos arqueológicos e em releituras das correspondências da época distanciadas do olhar colonialista.

Segundo L. Gomes (2019, p. 426) “Palmares nunca foi abolicionista. Ao contrário, os chefes quilombolas, incluindo o mítico Zumbi, tinham seus próprios escravos, capturados nos engenhos vizinhos”. Para ele, o quilombo seria, portanto, mais um espaço de resistência à escravidão ocidental-capitalista, que uma espécie de quartel-general onde os negros se preparavam para acabar com o sistema escravista. “Em Palmares poderia haver algum tipo de cativeiro. Há registros de soldados falando que existiam cativos lá [...], só que essas pessoas, elas tinham algumas condições e elas poderiam se tornar livres depois de um tempo.” (D’SALETE, *Guerras do Brasil.doc*, 2019). Ainda no mesmo documentário, porém, a historiadora Laura Mendes afirma que:

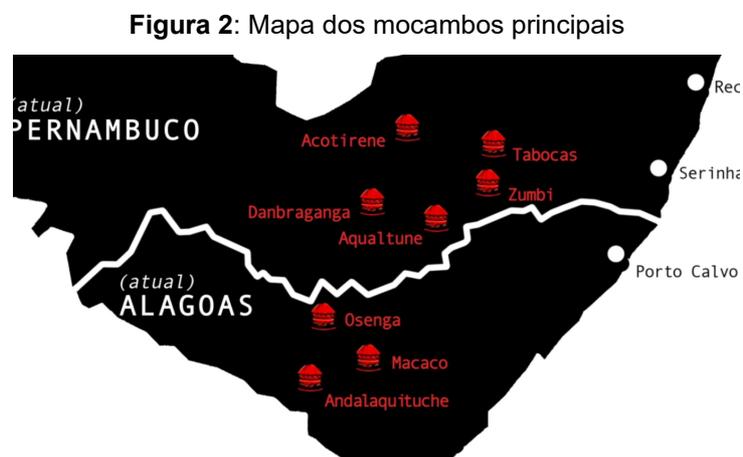
Você não vai encontrar documentos afirmando que em Palmares havia escravos. O que você vai encontrar é uma leitura que faz a seguinte lógica: se nas regiões africanas havia escravidão, e eles trazem essa cultura para cá, aqui também haverá (Ibid).

A escravidão entre os palmarinos é utilizada por autores como Leandro Narloch (2009) como arma ideológica para, em uma visão anacrônica, desmoralizar os quilombolas e o movimento de resistência. Se é que houve escravidão dentro de Palmares, não funcionaria do mesmo modo que fora do quilombo, pois a lógica que permeou o tráfico transatlântico visava o lucro sob qualquer custo e utilizar todas as forças repressivas possíveis para manter o sistema escravista. A principal diferença está no tratamento dado aos escravizados, que no sistema capitalista é desumanizado, enquanto que na África subsaariana era visto como um ser humano em condição (permanente ou temporária) de escravidão. D’Saletete propõe a hipótese de que “esse escravizado que estivesse lá em Palmares [...], poderia ser solto quando ele participava de uma expedição contra os engenhos, poderia se tornar livre”.

4.2.3.1. Mocambos

Mocambos eram os conjuntos de ocas, a maioria cercados, e outras construções utilizadas comunitariamente, cada um com nomes e administradores

(sobas) diferentes. Os números são imprecisos: no documentário *Guerras do Brasil.doc* aparecem oito, Nina Rodrigues¹⁹ enumera dez. Laurentino Gomes afirma que Palmares era “uma confederação de dezoito mocambos” (2019, p. 408). Em *Dandara* os nomes dos mocambos são os mais citados: Macaco (o mocambo principal, onde habitava o rei), Subupira, Amaro, Tabocas (dois mocambos vizinhos), Dambanga²⁰, Zumbi, Aqualtune, Acotirene, Andalaquituche e Osenga²¹.



Fonte: *Guerras do Brasil.doc*, 2019.

Só no mocambo Macaco haviam 220 ocas, segundo Gomes (ibid.), e 1500 de acordo com Rodrigues (2010, p. 82). A Cerca Real do Macaco, como chamavam os luso-brasileiros, localizava-se na Serra da Barriga, próximo às cidades atuais União dos Palmares e Viçosa. D’Salete comenta que os primeiros registros são de 1597 (2017, p. 9). Os dados em relação ao número de habitantes também variam a cada autor, tornando impossível ter precisão. O que todos os relatos das expedições têm em comum é sobre a forte defesa que este mocambo possuía. Três cercas de madeira, guardadas por sentinelas armados, guaritas e armadilhas entre cada uma. As armadilhas eram buracos cavados na terra e tapados com folhas, contendo ao fundo estrepes ou cobras peçonhentas. Desse modo, apenas conhecedores do caminho seriam capazes de percorrê-lo.

Próximo à cada oca havia hortas e criação de animais. Os mocambos eram

¹⁹Ele também cita uma população de 20 mil “almas” (RODRIGUES, 2010, pp. 81-82)

²⁰Este possui diferentes grafias a depender dos autores: Dambrubanga (Rodrigues), Dambraganga (D’Salete) etc. Optei por chamá-lo “Dambanga” no roteiro uma vez que nas línguas bantas não é comum consoantes antecederem a letra R, como em “bra”.

²¹Dentre as fontes citadas neste trabalho, apenas Flávio dos Santos Gomes diz sobre a existência dos mocambos Quissama e Quiloange. (2019, p. 369). D’salete menciona ainda os mocambos Curiva, Alto Magno e Una (D’SALETE, 2017, p. 9).

estrategicamente posicionados perto de rios, lagos e cachoeiras para garantir o abastecimento de água. As choças eram feitas de palha das palmeiras, principalmente do dendezeiro. Eram espaçosas e compartilhadas por várias famílias que dormiam em redes ou esteiras. Sobre a vida religiosa não se têm dados específicos, mas dentro do mocambo principal havia uma capela, que provavelmente era fruto da africanização do catolicismo, devido à conversão forçada de muitos africanos e afrodescendentes, e utilizada pelas pessoas brancas residentes em Palmares. No mocambo fictício optei por não incluir a capela como forma de mantê-lo, simbolicamente, um espaço de resistência ao colonialismo.

Especula-se que os nomes de cada mocambo correspondiam ao seu líder ou eram em homenagem aos seus antepassados. No roteiro, esses líderes foram chamados de sobas, como no Reino do Dongo. Os sobas poderiam tomar decisões independentemente das do rei, como nos sobados em que o angola não possuía poder absoluto de decisão. Ganga Zumba²² foi o comandante geral dos mocambos até 1678 quando houve uma cisão interna e a liderança passa para Zumbi²³.

4.2.3.2. Expedições

Os palmaristas, na defesa dos mocambos, ataques a engenhos e assaltos à bandeirantes, utilizavam armas brancas como lanças, machadinhas, adagas, espadas, arcos e flechas e outras; e armas de fogo como o mosquete, arcabuz, pistolas etc. Muitas vezes eram informados sobre futuros ataques pelos colonos vizinhos, os quais mantinham relações comerciais. Preveniam-se realizando investidas relâmpago durante a noite contra os bandeirantes e roubavam os suprimentos e as armas.

As investidas contra Palmares diferenciavam-se das contra qualquer outro quilombo. Era tão significativas que em inúmeras correspondências encontra-se a palavra “guerra” (VIOTTI, Ana C., 2017, p. 89). A Coroa Portuguesa realizou 15

²²Supostamente, Ganga Zumba significa “Grande Senhor”, nas pesquisas apenas encontrei *ngana*, “senhor” ou “senhora” em quimbundo, um título atribuído às pessoas mais velhas e mais prestigiadas socialmente.

²³*Zumbi* ou *nzambi* e outras variações nas línguas bantas possuem os significados: espírito, Deus, divindade, espírito imortal etc. Não tratava-se de um nome próprio, mas de um cargo relacionado à guerra e à liderança religiosa (*Guerras do Brasil.doc*, 2019). Também tem a ver com a crença, disseminada na época, de que ele era imortal. No roteiro, inicialmente chama-se Lukeni em homenagem ao primeiro soberano do reino do Congo, até os orixás revelarem seu destino como líder.

entradas²⁴, os holandeses duas. Além dessas, havia bandeiras menores, financiadas por senhores de engenho da região. As expedições custavam caro e duravam meses. O caminho até os mocambos era inóspito para aqueles que desconheciam a região e não estavam habituados ao ambiente. Por isso, em muitas ocasiões contaram com o auxílio de indígenas conhecedores daquelas matas.

É importante ressaltar que “indígenas” é um termo genérico para um conjunto amplo de povos originários do Brasil, cada um com suas peculiaridades, histórias e culturas próprias. Auxiliando os bandeirantes, as tribos poderiam garantir sua própria sobrevivência armando-se e outras vezes eram motivados por rivalidades entre diferentes comunidades. Nas expedições contra Palmares também participaram crioulos, ex-escravizados e o controverso Terço da Gente Preta ou Terço dos Henriques, descendentes alforriados de escravizados ou negros que buscavam a própria liberdade à custa da escravização de outros. O capitão-do-mato que assassina a personagem Akula é um símbolo dessa complexidade.

Na narrativa *Dandara* os ataques apenas começam em 1672 por motivos dramáticos e para evitar a repetitividade nas cenas, porém o primeiro registro é de 1643-44 (ENNES, 1938, p. 28). Outra estratégia utilizada pelos palmarinos ao prevenirem-se de ataques era fugir das palhoças, esconderem-se nas matas ou ir a outros mocambos mais distantes até que os invasores saíssem. Os que se escondiam, tão logo construía novos mocambos, o que fez os comandantes das expedições muitas vezes declararem terem-nos extinto quando na verdade os quilombolas estavam intactos (VIOTTI, 2017, p. 86).

Embora Palmares tenha sobrevivido por cerca de um século e se defendido de inúmeros ataques, em 1677, o governador Pedro de Almeida finalmente obteve um sucesso parcial. A expedição foi comandada por Fernão Carrilho, que logo participou de mais três malogradas (CARNEIRO, 1958, p. 68). Eles conseguiram capturar parentes de Ganga Zumba e o líder teria que optar por deixar a própria família ser reescravizada ou assinar um acordo de paz.

4.2.3.3. O Acordo de Recife

²⁴“Entradas” eram as expedições realizadas pela Coroa, enquanto as particulares chamavam-se bandeiras. Nina Rodrigues enumera 25 entradas entre a expulsão dos holandeses e o governo de D. Pedro de Almeida, em 1678. (2010, p. 88). D’Saete aponta que “em toda trajetória dos mocambos da Serra da Barriga houve mais de 40” (2017, p. 416).

Em 1678, o governador da Capitania Geral de Pernambuco era Aires de Souza e Castro. As negociações entre a Coroa e os palmarinos ficaram sob os seguintes termos: o governador devolveria os parentes sequestrados de Ganga Zumba; todos os negros nascidos em Palmares teriam direito à alforria; os palmaristas teriam direito à comercializar com os colonos vizinhos (GOMES, 2019, p. 414).

Entretanto, pagariam um alto preço em contrapartida: aqueles que não eram nascidos em Palmares voltariam a ser escravizados; Ganga Zumba tornar-se-ia vassalo do rei de Portugal; os livres mudar-se-iam para o Vale do Cucaú²⁵ sob a vigilância de dois padres escolhidos pelo governador. No dia 18 de junho de 1678 foi enviada uma comitiva de palmaristas “com seus arcos e flechas, um deles com uma arma de fogo, quase inteiramente nus, com os órgãos genitais cobertos de panos ou de peles” para negociar a paz com os portugueses (CARNEIRO, 1958, p. 84-85). Entretanto, não foram todos os chefes de mocambos que aceitaram o acordo. Segundo L. Gomes:

Tinham fortes razões para isso. A tinta usada na assinatura do tratado ainda estava fresca quando o governador Souza e Castro começou a distribuir parte das terras de Palmares para dezesseis pessoas²⁶ que tinham participado e financiado as campanhas contra os negros. Ao contrário do que prometiam as autoridades, um forte destacamento militar estacionado em Alagoas, pronto para atacar o quilombo, não foi desmantelado.

O que estava por vir parecia claro para aqueles que não foram com Ganga Zumba. Entre eles, destacava-se Zumbi, um “maioral das armas” (CARNEIRO, 1958). Em grande parte da bibliografia encontra-se que provavelmente Ganga Zumba foi envenenado pelos partidários de Zumbi ou à mando dele. Zumbi torna-se o novo rei de Palmares. Em poucos meses, o mocambo do Cucaú foi destruído e os moradores reescravizados e vendidos aos engenhos próximos. Em *Dandara* a cena em que Zumbi e ela ascendem ao poder ocorre simultaneamente ao assassinado de Ganga Zumba e em seguida o ataque da Coroa contra os recém-chegados ao Vale do Cucaú, quando na realidade houve intervalos entre os acontecimentos.

4.2.3.4. A derrocada

²⁵Na atual divisa de Alagoas e Pernambuco.

²⁶Encontra-se a transcrição da carta das terras distribuídas em Ernesto Ennes (1938, p. 32).

Consoante com Ana C. Viotti (2017, p. 87), “nos idos de 1686, a capitania já não conseguia mais arcar com a dispendiosa missão de destruir Palmares e solicita o socorro do Tesouro Real”. A última grande investida contra os “negros do Palmar” ocorreu no ano de 1692 comandada pelo famígero bandeirante Domingos Jorge Velho. Seu exército incluía brancos, caboclos, mulatos e 1,3 mil indígenas (GOMES, 2019, p. 416). Experientes em destruir aldeias, capturar ou dizimar tribos, estavam habituados a condições extremas de sobrevivência, aguentavam dias passando fome e sede nos sertões do Brasil (ibid, p. 418).

Ao se aproximarem, em dezembro, da Serra da Barriga, evitaram o confronto direto e procuraram vencer os palmaristas pelo cansaço. Bloqueavam os mocambos, sequestravam pessoas isoladas, sabotavam trilhas e passagens, incendiavam roças, envenenavam poços e fontes d’água. No dia 23 de janeiro de 1694, após catorze meses de sítio, os bandeirantes iniciaram um ataque voraz às últimas defesas dos palmaristas. Segundo Gomes (2019, p. 423), eram cerca de 6 mil homens e canhões²⁷. Havia três frentes: uma comandada por Velho, outra pelo capitão-mor Bernardo Vieira de Melo e uma terceira pelo sargento-mor Sebastião Dias (ENNES, 1958, p. 81).

Os guerreiros de Zumbi sobreviveram ainda duas semanas de ataque, houve centenas de mortos. No dia 6 de fevereiro²⁸, cerca de duzentos palmaristas caíram de um precipício em uma fuga desordenada durante a madrugada²⁹. Zumbi sobreviveu ao ataque e escondeu-se em uma gruta na serra Dois Irmãos. “Fazia aparições nos pequenos povoados disseminando a lenda de sua imortalidade”³⁰.

No dia 20 de novembro de 1695, o herói e último defensor de Palmares foi finalmente encurralado e morto em uma emboscada [...] Estava acompanhado de vinte guerreiros, dos quais apenas um se deixou capturar vivo (GOMES, 2019, p. 420).

O governador Caetano de Melo e Castro mandou cortar e salgar a cabeça de Zumbi para um espetáculo macabro:

²⁷Feito inédito até então, devido às dificuldades de se carregar canhões mata à dentro e nas árduas subidas e descidas da Serra da Barriga.

²⁸O senso-comum aponta que Dandara suicidou-se nesta data, para não retornar à condição de escrava, atirando-se de um penhasco.

²⁹Optei por deixar subentendido no roteiro que essa fuga foi exitosa.

³⁰Frase escrita na placa “Atalaia de Acaiene”, no Parque Memorial Quilombo dos Palmares, União dos Palmares, AL.

Determinei que pusessem sua cabeça em um poste no lugar mais público desta praça, para satisfazer os ofendidos e justamente queixosos e atemorizar os negros que supersticiosamente julgavam Zumbi um imortal, para que entendessem que esta empresa acabava de todo com os Palmares.

De acordo com D'Saete (2017, p. 423), Palmares resistiu ainda por dezesseis anos após a morte de Zumbi, com outras lideranças: Camoanga até 1703 e Mouza em 1704 até 1711.

5. METODOLOGIA

Iniciei as pesquisas no segundo semestre de 2020, buscando responder as perguntas: o que foi Palmares? Quem foi Zumbi? Dandara existiu? Se sim, qual sua verdadeira história? Após muito buscar, conclui que os materiais sobre o Quilombo dos Palmares são abundantes assim como sobre Zumbi, mas acerca de Dandara nada além de uma curta narrativa.

Por tratar-se de uma ficção, não precisei me ater ao problema da falta de informação acerca da protagonista. Primeiramente, elaborei o tema: a luta pela liberdade. Todavia não era o suficiente para criar um drama, o que me levou à pergunta “o que motivará a personagem a entrar nessa batalha?”

Era necessário elaborar algo relacionado ao íntimo da personagem, algo que comovesse tanto ao autor quanto a ela. A resposta foi a relação de Dandara com sua ancestralidade, no caso, representada pela sua mãe. E foi assim que o escritor e a personagem partiram em busca de suas próprias raízes, suas origens.

O mais apropriado teria sido ir atrás de fontes orais, visitar comunidades quilombolas e ouvir suas histórias, uma vez que a cultura a qual *Dandara* se reporta é essencialmente de tradição oral. Contudo, devido à pandemia do covid-19, as entrevistas foram limitadas. Concederam-me entrevistas: o presidente da associação do Quilombo Urbano do Capão Negro, Elizeu da Silva “Xumxum”; os naturais da República Democrática do Congo, Dan Maloba e Odette Mwehu; o pai-de-santo umbandista Allyson Medeiros; a quilombola paraense Ana Célia; o mestre de capoeira “Angoleiro”, J. Bamberg; e a professora Dr^a. Edileuza Penha de Souza, historiadora, envolvida em trabalhos com comunidades tradicionais e com o audiovisual.

Os métodos que utilizei para a escrita de *Dandara* provém dos autores clássicos de teoria dramática para roteiros audiovisuais e também inclui Kim Hudson, menos conhecida, mas não menos importante.

Uma inquietação que tive já no início da elaboração do roteiro foi pela falta de informações acerca das línguas e das formas de se falar em Angola Janga. Para auxiliar na escrita dos diálogos, durante as pesquisas históricas, reuni informações de palavras e expressões de origem africana, ameríndia e do português arcaico em um glossário, disponível no Apêndice C.

O linguista Marcos Bagno (2016) explica que não há no Brasil um modo negro

de falar devido à miscigenação. Em países com maior segregação racial, como os Estados Unidos, fica evidente a diferença entre o linguajar de negros e brancos. O que há no Brasil é o contraste da forma de falar entre pessoas de distintas classes sociais, níveis de escolaridade e entre habitantes da cidade e do campo. Foi levando em consideração todos esses fatores que criei a maneira de falar dos palmarinos. Ex-escravizados, estrangeiros sem educação formal da língua portuguesa, provavelmente falavam mais próximo às estruturas das línguas bantas. Dandara e Lukeni são personagens que cresceram no Brasil e tiveram contato com a língua portuguesa desde crianças, por isso pronunciam o R entre consoante e vogal e outras formas menos comuns nas línguas nigero-congolesas.

5.1. Método McKee e Comparato

O brasileiro Doc Comparato estruturou, em sua principal obra, *Da Criação ao Roteiro*, um método simples de se elaborar uma obra audiovisual. Divide o processo em cinco etapas: a ideia, o conflito, a personagem, a ação dramática e o tempo dramático³¹.

Sempre partimos de uma ideia inicial que pode conter o que Constantin Stanislavski chama de “e se” mágico. Por exemplo: “e se a galáxia fosse dominada por um Imperador cruel?” como em *Guerra Nas Estrelas*. Ou “e se fosse possível converter um jovem violento em alguém que repudia a violência?” de *Laranja Mecânica*. Mas nem todas as vezes a ideia inicial irá conter o elemento essencial para o desenvolvimento de uma história cinematográfica: o conflito. Segundo Comparato, esta é a matriz dos dramas humanos, forças antagonistas ao desejo do personagem principal. “Sem conflito, sem ação, não existe drama” (1995, p. 97).

Aaron Sorkin diz que os três pilares de um drama são: desejo, táticas e obstáculos. Ou seja, o protagonista busca algo, mesmo que inconscientemente, terá que elaborar estratégias para alcançar o objeto de desejo e, no caminho, encontrará dificuldades que o impedirão de conseguir.

Comparato relaciona o conflito à *storyline*, o resumo da história em apenas uma linha, o conflito principal da história, o que guiará todo o resto. Em *Dandara*: uma criança e sua mãe conseguem fugir da escravidão, mas no caminho para a

³¹Todos os autores supracitados reforçam que não existem regras para a criação, mas *princípios* dramáticos básicos que, se utilizados, devem ao menos ser considerados.

liberdade, a mãe é assassinada. A storyline deve responder ao que se trata a história.

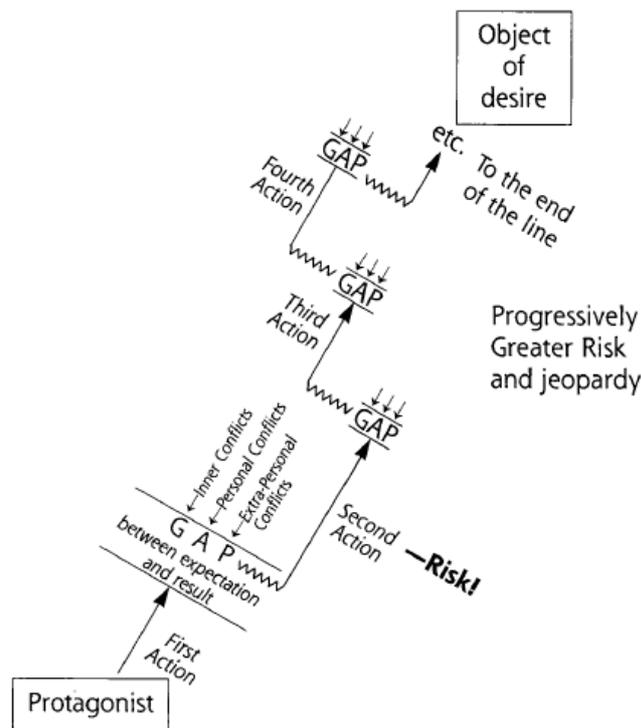
A terceira etapa é a construção da personagem³², corresponde ao argumento ou sinopse curta. É um documento em que a trama é narrada em formato literário com o intuito de esboçar no leitor uma noção sobre a história, sem o desenvolvimento detalhado. Aqui respondemos às perguntas quando, onde, quem e qual. Devem ser especificados o local, a época, os personagens e o enredo. O argumento de *Dandara* está disponível no Anexo A e o perfil das personagens no Anexo B.

Em seguida, o próximo passo é a ação dramática. É o momento de se desenvolver a escaleta, o como, a forma que a história será contada. Neste ponto o autor converge com o estadunidense Robert McKee, que escreveu o clássico *Story*. McKee e Comparato, baseando-se em uma estrutura aristotélica, consideram que qualquer história pode ser dividida em, no mínimo, três atos.

No primeiro ato haverá o que McKee chama de Incidente Incitante, o ponto-chave em que a trama principal da história será apresentada. No segundo ato, o mais longo, ocorrem as Complicações Progressivas. Os conflitos se tornarão cada vez maiores, envolvendo mais riscos. McKee consta que as histórias mais interessantes são dos momentos específicos em que a realidade não corresponde à expectativa (tanto do público quanto do personagem) abre-se então uma brecha entre o esperado e o ocorrido.

³²Aaron Sorkin propõe que o personagem seja construído de acordo com a história e não o contrário. Para mim, particularmente, foi mais útil não me prender às características dos personagens à priori, mas moldá-los e deixá-los transparecerem de acordo com o desenvolvimento da narrativa. Eles repetem a ideia de que é necessário conhecer as regras para depois quebrá-las.

Figura 3: Brecha entre expectativa e resultado



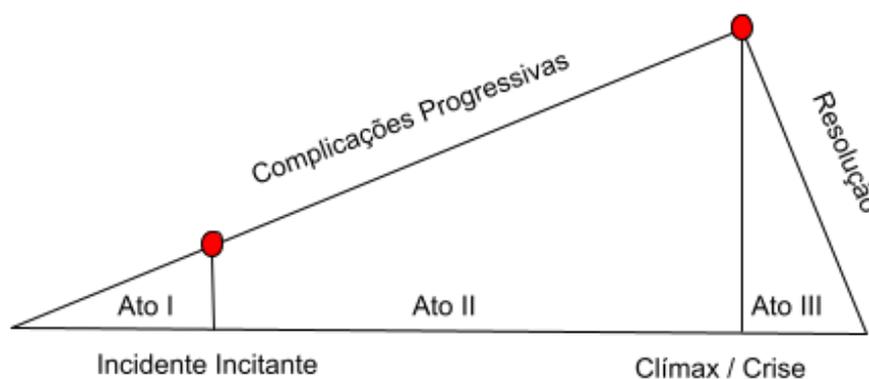
Fonte: *Story*, MCKEE, 1997, p. 151.

Entre o segundo e o terceiro ato, vem a Crise e o Clímax. Em algumas histórias ambos ocorrem na mesma cena. Comparato define clímax como o momento em que as forças do antagonismo atingem a máxima potência. McKee aponta que o clímax não necessariamente é um momento explosivo, mas de transformação profunda e irreversível na história e no protagonista.

A Crise, consoante com McKee, é o instante em que o protagonista enfrenta um dilema. Ele reforça que a escolha entre o bem e o mal não é um dilema verdadeiro, uma vez que todo ser humano escolherá sempre o que considera “bem”. Um dilema real pode ser de duas naturezas: entre dois bens inconciliáveis ou entre dois males o menor. O principal dilema que Dandara enfrenta é seguir seu instinto de sobrevivência e salvar a si própria ou sacrificar-se na árdua tentativa de resgatar sua mãe, Akula. Após fugir, ela precisa lidar com a culpa de havê-la abandonado e vê como uma forma de compensação livrar outras pessoas do cativeiro.

No terceiro ato, haverá a Resolução, o momento em que as cortinas se fecham lentamente, dando ao público a possibilidade de “digerir” o filme.

Figura 4: Estrutura de três atos do método McKee-Comparato



Fonte: elaborada pelo autor.

O tempo dramático, de acordo com Comparato, é o quanto (ritmo), o desenvolvimento propriamente dito de cada cena. Ele considera a cena a menor unidade de um roteiro, enquanto que McKee afirma ser o *beat*, os intercâmbios entre ação-reação no comportamento dos personagens dentro de uma mesma cena. Ainda que se repita inúmeras vezes, continua sendo um *beat*, que apenas muda em conjunto com os comportamentos e ações-reações.

Outro ponto que deve ser destacado em *Story* é relacionado às transformações de valores. A cada cena (exceto as que são de transição³³) o valor vai do positivo ao negativo e vice-versa ou de um pouco positivo para muito positivo assim para com o negativo, com grande contraste. “Valor” aqui refere-se ao que está em jogo, algo que o personagem pode ganhar ou perder. É positivo se o personagem possui o que deseja e negativo no caso contrário. Por exemplo, na cena inicial de *Dandara*, Akula tem como objetivo recuperar sua filha, logo, o valor inicial é negativo e, assim que consegue-a, o valor passa a ser positivo. Sob a perspectiva do senhor de engenho, Francisco, que quer comprar cativos, o valor inicial é negativo e assim que consegue, torna-se positivo.

McKee propõe as seguintes perguntas para analisar cenas. 1) Defina um conflito. Quem comanda a cena, motiva-a e fá-la acontecer? O que ele ou ela quer (defina em um verbo no infinitivo)? Que forças do antagonismo atrapalham? O que essas forças querem? 2) Identifique o valor inicial da cena, positivo ou negativo. 3)

³³Esses autores aconselham utilizar cenas de transição com parcimônia, pois são meramente explicativas, têm o objetivo de situar o espectador em um contexto espacial, temporal ou que contenha elementos importantes para as cenas seguintes. McKee aconselha que as cenas ou diálogos expositivos sejam dramatizados.

Divida a cena em *beats*. Observe atentamente a primeira ação do personagem em dois níveis: o que ele/a parece estar fazendo e – o mais importante – o que está por baixo da superfície, o que ele realmente está fazendo. 4) Repare o valor final da cena e compare com o inicial. Se o valor mantém-se igual, a cena não é um evento. 5) Liste os *beats* da cena e identifique os momentos em que a brecha é aberta entre expectativa e resultado.

Baseado nestes métodos, a escrita de *Dandara* seguiu as seguintes etapas: a ideia principal; o conflito matriz e o dilema da protagonista; linha do tempo e divisão em atos; perfil das personagens; sequências; escaleta; roteiro; lista de vocabulários dos personagens; e por fim, uma lista com frases para serem traduzidas.

A linha do tempo foi importante para ter uma noção geral da temporalidade da história, já que ocorre em um intervalo de quarenta anos da vida de Dandara. O perfil das personagens é útil para dar coerência às características físicas e outras informações de cada personagem. Com a divisão em sequências, nomeei cada uma delas, embora não apareçam no roteiro, para entender o que se passava em cada uma e quando começava e terminava a outra. As sequências foram: *violência* (entre 1654 até 1662), a qual era submetida com sua mãe enquanto estavam na condição de escravas; *fuga*, após se libertarem e partirem para Angola Janga; *iniciações* (1662-72), as diversas pela qual Dandara passa já dentro de Palmares; *guerras*, entre ataques dos palmaristas e retaliações (1672-78); *traições* (1678); *derrocada*, quando entra em ação Domingos Jorge Velho e o bando paulista.

Na escaleta esbocei as ações das cenas principais e alguns dos temas que seriam abordados nos diálogos. No roteiro propriamente dito, detalhei as ações e redigi os diálogos enquanto pesquisava palavras em kimbundu, kikongo, iorubá, suaíli, tupi antigo e outras. Para garantir a coerência das falas de cada personagem, analisei as “regras”, os padrões seguidos por cada um ao falar. Nos diálogos que considerei ser mais verossímil em kikongo, anotei as frases em uma planilha para serem enviadas aos tradutores Dan Maloba e Matondo Kuanzambi.

5.2. A Jornada do Herói e A Promessa da Virgem

Para estruturar *Dandara*, comecei por entender a correspondência com A Jornada do Herói e os arquétipos de cada personagem. Em 1949, Joseph Campbell publicou o livro *O Herói de Mil Faces*, que revolucionaria as teorias literárias. Ele foi

influenciado pelas teorias psicanalíticas da época, e principalmente por Carl Jung e sua teoria sobre o inconsciente coletivo. Na obra, Campbell propõe que todas as histórias contadas no mundo inteiro, fábulas, mitos, lendas etc. resumem-se a um monomito, A Jornada do Herói. Em 1998, Christopher Vogler aplica as teorias de Campbell à arte de escrever roteiros, também servindo para qualquer formato de escrita. Onze anos depois, Kim Hudson amplia a teoria do monomito, demonstrando que não há apenas um, senão dois mitos.

A teoria junguiana propõe que existem três níveis psíquicos: o consciente, o inconsciente pessoal e o inconsciente coletivo. O inconsciente coletivo, entre outras funções, é a engrenagem que faz com que histórias de universos e culturas muito diversas do ouvinte ou leitor comovam-no profundamente, pois cada ser humano nasce com um inconsciente que transcende o próprio indivíduo³⁴.

Jung percebeu que a função de uma história é nos guiar pelas transformações universais da vida, coletivamente conhecida como individualização, usando arquétipos com suas características simbólicas e padrões de comportamento (HUDSON, Kim. p. 6, 2009, tradução nossa)³⁵.

Os arquétipos são funções facilmente reconhecíveis. Vejamos um exemplo: um homem observa uma fotografia antiga de uma mulher adulta estranha a ele segurando no colo uma criança também desconhecida. Embora ele não tenha nenhuma relação afetiva ou sequer saiba informações acerca da mulher e da criança, inconscientemente poderá associar ao arquétipo Mãe, comum a todos os seres humanos.

Hudson afirma que os arquétipos possuem um lado de luz e outro de sombra, sendo ambos importantes para a transformação da personagem. A luz representa os potenciais humanos mais elevados, enquanto que a sombra, os mais temíveis. Ora, se o Herói busca a coragem, sua sombra será o Covarde, devido à Virgem desejar a independência, será seu oposto a Meretriz³⁶ sempre presa às vontades de outrem.

O Herói e a Virgem representam a estrutura psíquica Ego ou Eu, da teoria

³⁴Roberto Crema (2002) divide o inconsciente coletivo em outras camadas, entre elas o inconsciente histórico: traumas, crenças, preconceitos etc. transcendem o tempo de existência do indivíduo e são passadas a cada geração.

³⁵No original: Jung felt that the function of story was to guide us through the universal transformations of life, collectively known as individualization, using archetypes with their symbolic characters and patterns of behavior.

³⁶Em inglês: Hero, Coward, Virgin e Whore. A autora também chama a Meretriz de Escrava, Vítima ou Palhaço Triste.

freudiana, a autopercepção de cada indivíduo. Portanto, ao acompanhar o Herói ou a Virgem, o espectador ou leitor, embarca junto à uma consciência alheia, porém análoga à dele próprio. Ambos arquétipos possuem jornadas diferentes que podem ou não se cruzar. Os arquétipos não necessariamente devem corresponder a um gênero específico. Por exemplo, o arquétipo do Herói pode ser uma heroína como Dandara, assim como a Virgem pode assumir forma de personagem masculino. Um mesmo personagem pode assumir diferentes arquétipos em momentos distintos da história, funções temporárias, como um Mentor que em determinado momento auxilia o protagonista a evoluir e em outro, revela ser a Sombra do personagem principal.

Inicialmente, imaginei que por se tratar de uma personagem feminina, Dandara se enquadraria na Jornada da Virgem, entretanto, após a leitura de *A Promessa da Virgem*, entendi que no primeiro ato ela e a mãe assumem a Virgem para no segundo e terceiro Dandara transformar-se em Herói.

A Virgem precisa libertar-se de um Mundo Dependente, o qual negligencia sua verdadeira natureza e impede-a de ser completa. O Herói representa a busca do indivíduo pela existência e sobrevivência em um mundo hostil, desconhecido, perigoso. Ele precisa aprender a ser valente, forte, hábil e inteligente para superar seu medo da morte (ibid, p. 20). Vogler nos conta que no início do “monomito”, o Herói vive em uma comunidade, o seu Mundo Comum, até algo lhe ser subtraído e então partirá em uma jornada para recuperar o que lhe foi tomado.

Dandara e Akula nas cenas iniciais vivem em um mundo de opressão e violência, com o arquétipo da Meretriz, pois não têm autonomia sobre sua própria vontade ou seus corpos. Após Akula ser assassinada por um capitão-do-mato, o Incidente Incitante, Dandara parte para a jornada da Heroína, visto que seu objetivo principal não é conquistar um sonho, mas lutar pela sobrevivência dela própria e de seu povo.

A Jornada do Herói foi dividida por Vogler em doze etapas: 1) Mundo Comum 2) Chamado à Aventura 3) Recusa ao Chamado 4) Encontro com o Guia 5) Testes, Inimigos e Aliados 6) Travessia do Primeiro Limiar 7) Preparações 8) Crise 9) Recompensa 10) Caminho de Volta 11) Batalha Final e 12) Retorno com o Elixir. Não cabe aqui o aprofundamento de cada tópico senão uma breve conexão destes com *Dandara*. Tais etapas não devem ser seguidas rigidamente, podendo ser saltadas, retomadas, repetidas e ocultas na construção de uma história.

Dandara, como todos os Heróis, é separada daquilo que representa para ela a proteção e segurança, que é a mãe, Akula. Quando Dandara precisa escolher entre salvar a ela ou a si, está sendo obrigada a escolher o arquétipo que quer ser: o Herói ou o Covarde. Em Angola Janga, encontra com uma figura materna, Yeji, que será sua guia espiritual, o arquétipo de Mentor, assim como Ganga Zona, seu mestre na arte da luta. Em Angola Janga ela faz aliados, como Lukeni e Aqualtune e, anos depois, passa pelos primeiros testes enfrentando inimigos, os bandeirantes.

No primeiro ataque a um engenho atravessam o Primeiro Limiar, não havendo mais volta, o único destino possível é defender Angola Janga até o fim. Passa por um momento de Recusa ao Chamado quando se prepara para ser líder do exército. Próximo ao fim do segundo ato, os palmarinos enfrentam uma grave Crise que ameaça a sobrevivência deles ao mesmo tempo em que Dandara precisa enfrentar o medo de perder Yeji e curar-se de seu trauma relacionado à culpa pela morte da mãe.

O Elixir de Dandara é a lição que absorve de Yeji e do espírito de Akula, o entendimento de que a vida, assim como a natureza, é uma sucessão de continuidades e que é necessário desprender-se daquilo que é efêmero. No Caminho de Volta ainda enfrenta inimigos em sua Batalha Final e utiliza o Elixir para salvar a vida de Zumbi e sua filha, cortando o ciclo da culpa que a assolava por ter sido Covarde e torna-se uma verdadeira Heroína, sacrificando-se pelos outros.

6. CONCLUSÃO

Os oito meses de pesquisas foram muito importantes para minha formação acadêmica e profissional, levou-me a refletir sobre questões que vão muito além da academia e do mercado de trabalho.

Escrever *Dandara* permitiu-me entender não apenas um período no passado, mas o momento presente. Pude conhecer minhas próprias raízes, minha história assim como daqueles que vieram antes de mim e estão conectados com a pessoa que sou hoje. Não devemos nunca esquecer que somos frutos da trajetória de nossos pais e eles, por sua vez, dos pais deles. Há um conceito dos povos acã que expressa isso muito bem: *sankofa*. Literalmente, significa “volte e pegue”. O provérbio acã diz: “não é errado voltar e recuperar o que você perdeu (esqueceu)”. Quer dizer voltar às raízes para tornar-se íntegro e projetar-se no futuro.

Durante o processo de criação de *Dandara*, desconstruí muitos conceitos que consciente ou inconscientemente me foram ensinados desde a tenra idade. Na infância aprendi uma série de falácias e mitos fundadores do Brasil: que os portugueses descobriram o país; que a colonização dos “índios” foi relativamente pacífica; que os negros foram pouco resistentes à escravidão; que os bandeirantes eram desbravadores que se aventuravam pelo interior do país com o objetivo de ocupar o território; que este é um país pacífico, sem guerras; e que a grande miscigenação é uma demonstração da boa relação entre brancos, negros e indígenas.

Ora, a história deste país é repleta de sangue. O que hoje conhecemos como Brasil foi (e ainda é) uma arena de constantes conflitos e que resultou em milhões de mortos e mártires. A melhor forma de honrar nossos mártires é conhecendo suas histórias e o motivo de suas lutas.

Os indígenas, assim como os africanos, já ocupavam o continente há milhões de anos antes da chegada dos portugueses e povos europeus. Pesquisando para escrever *Dandara*, descobri histórias encantadoras sobre os reinos africanos e suas tradições matriarcais no período anterior à colonização. Também compreendi que os bandeirantes eram mercenários que tinham como objetivo encontrar riquezas no interior do país ou eram contratados para destruir aldeias ou quilombos que incomodavam os colonos. A miscigenação é, na verdade, fruto de constantes estupros de homens brancos com mulheres indígenas e negras. Até hoje

enfrentamos a guerra ao tráfico, o extermínio da população negra e conflitos entre madeireiros, fazendeiros e indígenas.

Dandara poderia ser mais uma história para denunciar, e é de suma importância fazê-lo, as mazelas da escravidão. Mas ao invés disso, busquei mostrar que (como disse o personagem Roque em *Ó Paí, Ó*) “resistir é a lei da minha raça”. O Quilombo dos Palmares é uma das mais importantes evidências de que os negros não aceitaram passivamente a escravidão.

Em alguma comemoração do dia da consciência negra ouvi falar, sem muitos detalhes, de Zumbi e o Quilombo dos Palmares. Antes deste trabalho de pesquisa, acreditava que era um pequeno mocambo até entender que foi a maior confederação de quilombos que já existiu, com uma extensa área, numerosa população e que suas defesas eram extremamente eficazes, o que possibilitou a duração de quase um século.

Não encontrei nenhuma prova da existência real de *Dandara*, entretanto essa questão não é mais significativa que o poder simbólico que tal personagem tem para o movimento negro e expressões populares. Ganga Zumba é popularmente conhecido por ser traidor do próprio povo, porém estudos mais aprofundados sugerem a narrativa de que a liberdade de sua família estava em jogo durante as negociações, o que influenciou sua decisão. Domingos Jorge Velho, assim como os demais bandeirantes e governadores, representam em *Dandara* a cultura materialista que cria pessoas gananciosas e individualistas. Em contrapartida, os palmarinos simbolizam as comunidades tradicionais que são centrados em um senso comunitário. Considerei importante mostrar no roteiro a complexidade do tema racial inserindo personagens que independentemente dos traços físicos (brancos, indígenas, negros ou mestiços) optaram entre o individualismo ou o coletivismo.

Deste modo, os palmarinos baseiam-se na filosofia africana (atribuída genericamente) *ubuntu*, “eu sou porque tu és” ou “eu sou porque nós somos”. Um ser humano só pode ser reconhecido como tal por outro ser humano, significa que somos uma grande comunidade interdependente em que todos deveriam ajudar-se mutuamente para construção de um mundo melhor. Angola Janga se encontra no coração de todos aqueles que entendem o *ubuntu*.

Espero que as informações reunidas neste memorial descritivo sejam úteis para outros roteiristas, estudantes de audiovisual e acadêmicos interessados em

desenvolver os próprios métodos de escrita de roteiros. Também é destinado aos que buscam conhecer o contexto histórico que envolveu o Quilombo dos Palmares para realizar pesquisas mais aprofundadas sobre o assunto.

Dandara foi pensado para ser uma história que inspire e empodere outras pessoas para que no mundo haja mais dandaras almejando voar alto em um mundo movido pela paz, justiça, empatia e igualdade. *Dandara* é necessário para manter vivo na memória que a luta dos nossos antepassados continuam até os dias atuais: Angola Janga é para sempre.

REFERÊNCIAS

Bibliográficas

ARAUJO, Ana Lucia. **Dandara e Luisa Mahin são consideradas heroínas do Brasil - o problema é que elas nunca existiram.** Disponível em: <https://theintercept.com/2019/06/03/dandara-luisa-mahin-panteao-patria/>. Acesso em: 30 nov. 2020.

ARRAES, Jarid. **As lendas de Dandara.** *E-book*, 2015.

BAGNO, Marcos. **O impacto das línguas bantas na formação do português brasileiro.** Cadernos de Literatura em Tradução, Universidade de Brasília, n. 16, pp. 19-31, 2016. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2359-5388.i16p19-32>

BATSÏKAMA, Patrício. **Dona Beatriz Nsímiba Vita.** 1ª. ed. Aracaju, SE: Ancestre, 2021.

BATSÏKAMA, Patrício; BATSÏKAMA, Raphael. Estruturas e instituições do Kôngo. **Revista de História Comparada**, v. 5, n. 1, p. 6-41, Rio de Janeiro, 2011.

CAREGNATO, Lucas. Em terras do ngola e do manikongo: descrição dos reinos do kongo e ndongo no século XV. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História - Anpuh**, São Paulo, p. 1-17, jul. 2011.

CARNEIRO, Edison. **O Quilombo dos Palmares.** 2ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1958.

CARVALHO, Flávia Maria de. O Reino do Ndongo no Contexto da Restauração: Mbundus, Portugueses e Holandeses na África Centro Ocidental. **Sankofa. Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana**, n. 7, p. 7 – 28, Julho 2011.

CASTRO, José Guilherme de Oliveira. PAES, Carla Regina Santos. SILVA, Camila Bastos Lopes da. Religião ioruba, arquétipo materno e gênero maravilhoso em Kiriku e a feiticeira e A árvore da chuva. **Revista de Letras**, Curitiba, v. 22, n. 38, pp. 119-135, set. 2020. DOI: 10.3895/rl.v22n38.12911 Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/rl> Acesso em: 7 mai. 2021.

COMPARATO, Doc. **Da criação ao roteiro.** Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

D'SALETE, Marcelo. **Angola Janga: uma história de Palmares.** São Paulo: Veneta, 2017.

ENNES, Ernesto. **As Guerras nos Palmares: subsídios para sua história.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938.

ESTADÃO ACERVO, A destruição dos documentos sobre a escravidão, **Estadão**, São Paulo, 19 dez. 1890. Disponível em: <http://m.acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,a-destruicao-dos-documentos-sobre->

a-escravidao-,11840,0.htm#comentarios Acesso em: 11 nov. 2020.

FERREIRA, Allan Hahnemann. **Reflexões dromológicas sobre tempo, poder e direito**: tempo consumo *versus* tempo santuário. Disponível em: <http://www.publicadireito.com.br/artigos/?cod=b3dd760eb02d2e66> Acesso em: 7 mai. 2021.

FONSECA, Mariana Bracks. **Nzinga Mbandi e as guerras de resistência em Angola. Século XVII**. Dissertação (Mestrado em História Social) — Faculdade de História, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

GOMES, Laurentino. **Escravidão**: Do primeiro leilão de cativos em Portugal até a morte de Zumbi dos Palmares. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019.

HUDSON, Kim. **The Virgin's Promise**: Writing Stories of Feminine Creative, Spiritual and Sexual Awakening. Studio City, EUA: Michael Wiese Productions, 2010.

LARA, Silvia Hunold. 12ª Conferência Internacional Anual do Gilder Lehrman Center. **Palmares e as autoridades coloniais**: dimensões políticas de uma negociação de paz. Yale University. 30 out. 2010.

MCKEE, Robert. **Story**: substance, structure, style and principles of screenwriting. 1. ed. Nova York, EUA: Regan Books, 1997.

MELLO, André da Silva. VIII Congresso Brasileiro de História da Educação Física, Esporte, Lazer e Dança. **A história da capoeira**: pressuposto para uma abordagem na perspectiva da cultura corporal. Centro Universitário Vila Velha, 2002.

MOYA, Álvaro; MOURA, Clóvis. **Zumbi dos Palmares**, Fundação Artístico Cultural de Bentim, Minas Gerais: 7 set. 1995.

ORSER JR, Charles E.; FUNARI, Pedro Paulo A. Pesquisa arqueológica inicial em Palmares. **Estudos Ibero-Americanos**. v. XVIII, n. 2, pp. 53-69, dez, 1992. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

PORTILHO, Érica. **Matriarcado afreekana**: narrativas cruzadas do ventre negro ao Brasil. Dissertação (Mestrado em Relações Étnico-Raciais) — Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Rio de Janeiro, 2019.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

RODRIGUES, Raymundo Nina. As sublevações de negros no Brasil anteriores ao século XIX – Palmares. In: **Os africanos no Brasil**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010. pp. 78-105.

SANTOS, Ale. **O racismo da academia apagou a história de Dandara e Luisa Mahin**. Disponível em: <https://theintercept.com/2019/06/03/dandara-luisa-mahin-historia/>. Acesso em: 30 nov. 2020.

SANTOS, Joice de Souza. **As embaixadas dos reinos da costa africana como mediadoras culturais**: missões diplomáticas em Salvador, Rio de Janeiro e Lisboa (1750-1823). Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura) — Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

SCHWARCZ, Lilia; GOMES, Flávio (org.). **Dicionário da escravidão e liberdade**: 50 textos críticos. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SILVA, Brunno Hoffmann Velloso da. **A ordem cristã no governo dos escravos**: normas para a cristianização e tratamento dos escravos no Brasil colonial (1692-1759). Dissertação (Mestrado em Sociologia) — Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

SOUZA, Luana Mayer de. Anais do XVI Encontro Regional de História da ANPUH-RIO. **Catolicismo e poder no Reino do Congo do século XVI**. Rio de Janeiro: ANPUH-Rio, 2014.

SOUZA, Ricardo Luiz de. **Catolicismo e escravidão**: o discurso e a posse. Foz do Iguaçu: Edunila, 2020.

SUGUIAMA, Danielle Yumi. **O Daomé e suas amazonas no século XVIII e XIX**: leituras a partir de Frederick Forbes e Richard Burton. Dissertação (Mestrado em História, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2019.

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. **The Women Soldiers of Dahomey**. Paris: 2014.

VIOTTI, Ana Carolina. Revisitar Palmares: histórias de um mocambo do Brasil colonial. **Trashumante - Revista Americana de Historia Social**, n. 10, p. 78-99, 21 jun. 2017. Universidad de Antioquia. <http://dx.doi.org/10.17533/udea.trahs.n10a05>

VOGLER, Christopher. **A Jornada do Escritor**: estruturas míticas para escritores. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

Filmográficas

12 ANOS de escravidão. Diretor: Steve McQueen. Produção: Brad Pitt *et. al.* EUA, Reino Unido, Luxemburgo, 2013.

AARON Sorkin Teaches Screenwriting. Masterclass, EUA, 2017. Disponível em: www.masterclass.com Acesso em 4 fev. 2021.

A DONA do terreiro. Diretora: Deisy Anunciação. Produção: Deisy Anunciação. Brasil, 2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=6wP1Tg8MF2I&ab_channel=DeisyAnuncia%C3%A7%C3%A3o Acesso em: 13 fev. 2021.

AMERICAN SON. Diretor: Kenny Leon. Produção Netflix. EUA, 2019. Disponível em: www.netflix.com Acesso em: 14 dez. 2020.

AMISTAD. Diretor: Steven Spielberg. Produção: DreamWorks Pictures. EUA, 1997. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=9LijoddommM&ab_channel=YouTubeMovies Acesso em: 17 jan. 2021.

ATLANTIQUE. Diretora: Mati Diop. Produção: Judith Lou Lévy, Eve Robin. Bélgica, França, Senegal, 2019. Disponível em: www.netflix.com Acesso em: jun. 2020.

A VOZ suprema do blues. Diretor: George C. Wolfe. Produção: Netflix. EUA, 2020. Disponível em: www.netflix.com Acesso em: 20 jan. 2021.

BARRY. Diretor: Vikram Gandhi. Produção: Netflix. EUA, 2016. Disponível em: www.netflix.com Acesso em: 19 abr. 2021.

BEASTS of no nation. Diretor: Cary Fukunaga. Produção: Idris Elba, Cary Fukunaga, Uzodinma Iweala. EUA, 2015.

BESOURO. Diretor: João Daniel Tikhomiroff. Produção: Globo Filmes. São Paulo, 2009. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=NhrSlxqDSEw&ab_channel=PROFESSORBAMBAM Acesso em: 8 fev. 2021.

CAFUNDÓ. Diretores: Clóvis Bueno, Paulo Betti. Produção: Paulo Betti, R.A. Gennaro, Virginia W. Moraes. Paraná, 2005. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=us2Jhwhpvis&ab_channel=GirasdeUmbandaOficial Acesso em: 15 mar. 2021.

CARA gente branca. Diretor: Justin Simien. Produção: Stephanie Allain, Leonid Lebedev. EUA, 2014.

DJANGO livre. Diretor: Quentin Tarantino. Produção: Stacey Sher. EUA, 2012. Disponível em: www.netflix.com Acesso em: 7 mai. 2021.

ENGENHOS de açúcar no Nordeste. Diretora: Adelina Pontual. Produção: Fátima Accetti, Nilza Lisboa, Cristian Jerônimo. Recife, 2006. https://www.youtube.com/watch?v=u0odudrvPH0&ab_channel=FazendasAntigas Acesso em: 26 fev. 2021.

ESCRAVIDÃO: uma história de injustiça. Diretora: Simcha Jacobovici. Produção: National Geographic, Samuel L. Jackson. Brasil, Gabão, Gana *et. al.*, 2020.

GANGA Zumba. Diretor: Cacá Diegues. Produção: Cacá Diegues, Jarbas Barbosa, Luiz Fernando Goulart, Beto Quartin. São Paulo, 1963. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=uOnK0r6ah4k&ab_channel=CarlosOnofre Acesso em: 1 mai. 2021.

GUERRAS do Brasil.doc. Diretor: Luiz Bolognese. Curta!, 2019.

HARRIET. Diretora: Kasi Lemmons. Produção: Gregory Allen Howard; Debra Martin Chase; Daniela Taplin Lundberg. EUA, 2019. Disponível em:

https://www.youtube.com/results?search_query=youtube+filmes Acesso em: 29 mar. 2021.

KIRIKU e a feiticeira. Diretor: Michel Ocelot. Produção: Didier Brunner. França, 1998. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=Q4luNCxQ-gs&ab_channel=Resist%C3%AanciaDuGuetoOficial Acesso em: 15 dez. 2020.

MANDELA: longo caminho para a liberdade. Diretor: Justin Chadwick. Produção: Anant Singh *et. al.* Reino Unido, África do Sul, 2013.

NJINGA, rainha de Angola. Diretor: Sérgio Graciano. Produção: Coréon Dú, Renato Freitas, Sergio Neto. Angola, 2013. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=3UNVO6Alm0Q&ab_channel=2asMariasConhecimento Acesso em: 4 jan. 2021.

QUANTO vale ou é por quilo?. Diretor: Sérgio Bianchi. Produção: Sérgio Bianchi. Brasil, 2005. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=ACfdCYbyfl0&ab_channel=AndressaB.Moraes Acesso em: 15 set. 2020.

QUILOMBO. Diretor: Cacá Diegues. Produção: Embrafilme e Gaumont. Brasil, França, 1984. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=Ilh0cPBpduU&ab_channel=Zez%C3%A9Motta Acesso em: 20 jan. 2021.

SANKOFA: a África que te habita. Diretora: Rozane Braga. FBL Criação e Produção. Brasil, 2020.

UBUNTU: o que significa essa filosofia africana e como pode nos ajudar nos desafios do hoje. Produção: BBC. 2020. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=KaQSIvWV7wo&ab_channel=BBCNewsBrasil Acesso em: 25 set. 2020.

UM ESTADO de liberdade. Diretor: Gary Ross. Produção: Gary Ross, Scott Stuber, Jon Kilik. EUA, 2016. Disponível em: www.netflix.com Acesso em: 28 set. 2021.

APÊNDICE A — Argumento

Dandara nasce na condição de escrava no século XVII na Capitania Geral de Pernambuco. Após fugir e conquistar a liberdade, ela deseja livrar seus semelhantes dos horrores da escravidão.

Akula, sua mãe, é da etnia umbundu e foi capturada no Reino do Dongo. Em 1654 é desembarcada do navio negreiro em um cais de Recife e separada da filha que completara poucos dias de vida. Ela implora para ficar com a criança. Não fala português, apenas quimbundo. Dona Elizabete, descendente direta de portugueses, comove-se e pede ao marido, o senhor de engenho Dom Francisco, que compre-a junto da criança.

Seguem-se alguns dos humilhantes rituais de compra de um escravizado e um rápido batismo em que são obrigados a converterem-se ao catolicismo e perdem os nomes de origem. Akula é substituído por “Maria de Francisco” e a criança “Bárbara de Francisco”.

Após ser levada para o engenho de açúcar, em um momento de tranquilidade, Akula canta uma música de sua terra natal para a filha. É sobre o “umbi-umbi”, uma cegonha-de-abdim que almeja voar alto. Ela profetiza que Dandara será um umbi-umbi e esse passa a ser o apelido carinhoso da mãe à filha.

Oito anos se passaram. Elas fazem serviços domésticos na casa de Francisco. Ele trata Akula de forma diferenciada das demais escravizadas, o que deixa sua esposa enciumada.

No dia seguinte, entretanto, o destino reserva a Akula e Dandara uma reviravolta. Quando Dandara está prestes a ser açoitada, acontece um ataque holandês ao engenho (foi comum nas primeiras décadas do séc. XVII devido à invasão holandesa no Nordeste). O caos provocado permite que elas fujam. Correm para dentro da plantação de cana-de-açúcar até chegarem nas matas da Serra da Barriga.

Finalmente alcançam a sonhada liberdade, embora Dandara não entenda bem o que isso signifique. Akula agora é livre para demonstrar afeto pela filha. Ela confecciona um colar de búzios e lhe dá de presente, conta histórias do Reino do Dongo, do povo umbundu e do pai de Dandara. Elas irão para um lugar onde os fugitivos podem viver em paz: o Quilombo dos Palmares. Na época, entre os negros era conhecido como Angola Janga (pequena Angola) e entre os brancos só

“Palmares” (o termo “quilombo” só seria usado posteriormente).

A felicidade delas não dura muito e logo encontram com um capitão-do-mato armado e seu cão farejador. Akula e Dandara fogem, mas o cão consegue morder a perna de Akula. Dandara defende-a, porém não consegue carregar a mãe. Ela precisa escolher entre abandoná-la ou arriscar-se a voltar a ser escrava. Akula insiste que ela corra e Dandara obedece. Por acidente, o capitão-do-mato dá um tiro em Akula. Dandara consegue escapar, mas a culpa corrói ela por anos.

Após dias vagando sozinha pela floresta para chegar até Angola Janga, ela é picada por uma cobra venenosa enquanto dorme e é salva por um palmarino, Ganga Zona. A iorubá Yeji lalorixá consegue extrair o veneno. Quando Dandara já está recuperada, ela chama um garoto da mesma idade de Dandara, Lukeni, para mostrar a capital de Angola Janga, o mocambo Macaco.

Lá, encontra negros de toda a sorte de etnias africanas, principalmente da região Congo-Angola e da “Costa dos Escravos”, e inclusive brancos e indígenas. Lukeni provoca a garota que reage dando-lhe socos. Ganga Zona, o líder do mocambo e irmão do rei, separa-os. Ele passa a ensinar o que seriam os primórdios da capoeira, pois vê em Dandara uma grande lutadora.

Logo, ela cria laços maternos com Yeji, paternos com seu mestre de capoeira Ganga Zona e com Lukeni desenvolve uma amizade, com quem se casa aos dezesseis anos. Têm três filhos: a primogênita, Akula Janga e os gêmeos Motumbo e Osenga.

Em 1672, Dandara e Lukeni presenciam o primeiro ataque bandeirante à Angola Janga. No dia seguinte, os sobas (chefes dos mocambos) reúnem-se para tomar uma decisão sobre como irão se preparar para ataques maiores. Dandara e Aqualtune, a filha do manicongo (rei de Palmares), Ganga Zumba, estão na reunião para servir bebidas aos sobas. Dandara interrompe-os e sugere que convoquem as mulheres para lutar. Os homens ficam espantados com a audácia, mas concordam que aquela é a melhor solução.

Ela fica encarregada de treinar as mulheres para o combate. Começa treinamentos exaustivos para prepará-las, elas se inspiram nas mulheres guerreiras do Reino do Daomé, as Mino. Em um rito de preparação para a guerra, os espíritos ancestrais, através de Yeji, abençoam Dandara que se torna uma *apadumé* (líder das Mino). Eles determinam que Lukeni deverá ser chamado de Zumbi e que enquanto sua lança não quebrar ele não morrerá em batalha.

Eles atacam um engenho pela primeira vez, sabotando moagens, queimando plantações de cana e libertando os escravizados. As mulheres sob a liderança de Dandara e os homens comandados por Ganga Zona.

Passam-se seis anos de ataques frequentes aos engenhos. Em 1678, os senhores de engenho, representados por Albuquerque, decidem pedir auxílio da Coroa Portuguesa e para isso tem que convencer o governador Aires de Souza que os palmarinos representam um grande perigo para a estrutura do sistema escravagista.

Fernão Carrilho é contratado para comandar a expedição. Eles torturam o soba indígena Amaro para descobrir a localização do rei de Palmares. Amaro engana-os e os leva para o mocambo Subupira onde está Ganga Zona e Aqualtune. A Coroa usa os parentes sequestrados de Ganga Zumba como reféns.

Ele opta por libertar sua família ao invés do povo de Angola Janga. Pelo acordo com o governador, eles são obrigados a mudar-se para o Vale do Cucaú, sob vigilância da Coroa e deveriam entregar os não-nascidos em Palmares para serem reescravizados. Dandara e Zumbi recusam-se a ir. Enquanto os rebeldes de Angola Janga comemoram a coroação dos dois, Zumba é envenenado e os moradores do Cucaú são dizimados pela Coroa. Entre eles, Ganga Zona e Aqualtune.

Em 1692, os senhores de engenho ainda não conseguiram resolver o conflito com os palmarinos. Assume o governador Caetano de Melo e Castro, que diferente do anterior, preocupa-se com a importância simbólica de Palmares. Para acabar com a “praga palmarina”, precisam chamar aqueles que consideram mais selvagens que os próprios habitantes de Angola Janga. Entram em jogo Domingos Jorge Velho e seu bando paulista. Naquela época, São Paulo era considerado um antro de gente bárbara que vive de pilhagem e não conhece a Deus e não obedece nenhuma lei.

Dandara tem um pesadelo com Angola Janga sendo destruída e presente que o fim está próximo. Sua filha Akula, já com vinte e dois anos, consola ela parafraseando a frase de Dandara: Angola Janga é para sempre.

Domingos e seu bando saqueiam vilarejos e matam os colonos aliados dos quilombolas que costumavam alertá-los dos ataques. Ao invés de um ataque direto, Domingos procura vencê-los pelo cansaço. Sequestram pessoas isoladas, envenenam fontes d’água e constroem acampamentos na frente da saída do mocambo principal, que passou a ser o mocambo Zumbi, bloqueando o acesso à floresta.

O cerco dura quatorze meses. Em 1694, os palmaristas estão totalmente desgastados, famintos e Yeji, muito debilitada, precisa de ervas medicinais. Ela chama Dandara para despedir-se e alerta que ela ainda não está pronta para alçar vôo alto, uma vez que carrega um peso do passado. Quando Yeji toca em Dandara, esta tem uma visão do espírito da mãe, que lhe convence de que Dandara não deveria ter agido diferente. Ela consegue se perdoar. Antes de falecer, Yeji pede que Dandara salve os palmarinos.

O bando paulista faz uma última investida com um feito inédito: o uso de canhões. Domingos dá a Zumbi a oportunidade de se entregar junto de seu povo, mas a oferta é recusada. Eles preferem a morte em liberdade que uma vida inteira em cativeiro. Zumbi, as Mino e os homens guerreiros vão para a batalha final para que os demais palmarinos possam escapar com vida. Dandara os conduz pelo único caminho possível: uma estreita passagem em um desfiladeiro. Ao descobrir que sua filha foi para a batalha, ela retorna para salvá-la.

Akula e Zumbi conseguem escapar e Dandara sacrifica-se em prol deles, já que a filha será a continuação de sua própria vida e Zumbi, a esperança dos palmarinos. Próximo da alvorada, Dandara atrai o bando em que está Domingos até um despenhadeiro. Antes que eles possam atirar, ela se joga e seu corpo não é encontrado. O sol nasce e sob o local em que se jogou, voa uma cegonha-de-abdim. A cegonha bate as asas até chegar à África e juntar-se à revoada de umbi-umbi.

APÊNDICE B — Perfil das personagens

Dandara: nasceu em 1655, passa a infância na condição de escrava até fugir para Angola Janga aos oito anos, onde ela pode viver da forma que seus antepassados viviam, encontra um lugar ao qual pertence. No caminho, ela perde sua mãe e carrega o peso da culpa por anos. É falante das línguas comuns em Palmares como o kikongo, iorubá e quimbundo. Sonha em poder viver em paz com seu povo e que não haja mais negros ou indígenas sob cativeiro. Inconscientemente, é motivada pela culpa de haver deixado sua mãe morrer. Salvando a outros, crê que isso a ajudará a perdoar-se.

Akula: é da etnia umbundu, e viveu no Reino do Dongo até ser sequestrada pelos guerreiros jagas e traficada pelos portugueses. Grande admiradora da rainha Jinga Mbandi, conta com muito orgulho as histórias do seu passado para a pessoa que mais ama: a filha Dandara. O pai de Dandara era um guerreiro que morreu no navio negreiro, exposto às péssimas condições. Akula é otimista e esforça-se para não ser embrutecida pelo sistema escravista. Quando se torna livre, aproveita para demonstrar todo o afeto pela filha que fora reprimido.

Lukeni: filho de linhagens nobres do reino do Congo, é da etnia bakongo, seus pais eram escravos e ele presenciou o momento em que foram assassinados por brancos. Ele cresce guardando um ódio generalizado por pessoas brancas. Tem uma cicatriz próxima a um dos olhos, as marcas de carimbos na pele e como a maioria dos escravizados, marcas de chicotes nas costas. Assim como sua esposa Dandara, é um guerreiro de destaque. Quando ele desafia o próprio tio, o rei Ganga Zumba, já é conhecido como Zumbi. É eleito para junto de Dandara governar os palmarinos na resistência contra as forças luso-brasileiras.

Ganga Zumba: é o rei de Angola Janga até 1678. Em sua juventude era um forte guerreiro e estrategista que fundou os primeiros mocambos dos negros fugidos. Uma das coisas mais preciosas para ele é sua família e sua filha Aqualtune. Quando seus parentes são sequestrados, escolhe proteger sua família mesmo que as consequências para os palmarinos sejam drásticas.

Yeji: é uma mãe-de-santo iorubá que veio do império de Oió. Cuida de todos como se fossem seus filhos e tem um carinho especial por Dandara. Ela é cega de um dos olhos, e apesar de não ver o mundo físico, é capaz de enxergar o mundo espiritual. Quando entra em transe, seus dois olhos ficam azuis. É muito sábia e sempre procura transmitir aos outros seus conhecimentos.

Domingos Jorge Velho: filho de indígena com branco, o algoz dos palmarinos foi criado em meio à violência e percebeu que a única forma de não ser vítima era sendo o carrasco. Aos cinquenta anos tem consciência de que não poderá seguir com a vida de bandeirante para sempre. Quando é convidado pelo governador para destruir Palmares, vê uma oportunidade de ficar rico e conseguir seu almejado descanso. Ele aceita a proposta e faz uma série de exigências que beneficiam a ele e seus companheiros paulistas.

APÊNDICE C — Glossário

A

Adonke: “escravo” ou “estrangeiro” para os axantes, etnia predominante no interior de Gana.

Ahosi: guerreiras do Reino do Daomé, significa “esposas do rei”, eram inicialmente guarda-costas deste. Recebiam forte treinamento militar. Eram chamadas pelos europeus de Amazonas dos Daomé.

Ahosu: título que recebiam os reis do Daomé, da língua fom.

Aiyê: na mitologia iorubá é o universo em que vivemos, o mundo físico. Orun é o mundo espiritual, tudo que existe no Orun coexiste no Aiyê com a dupla existência Orun-Aiyê.

Ajayô: expressão iorubá, “sopro de saudação a Oxalá” (criador dos humanos e símbolo de paz), utilizada como “se Deus quiser” ou como saudação a alguém.

Akulo: ancestral, em quimbundo. Plur. *bakulo*.

Alabê: *alagbê*, é o responsável pelos toques rituais, conservação dos instrumentos e alimentação nos ritos de candomblé.

Alambamento: casamento angolano. Representa a continuidade da vida para a cosmologia banto, uma vez que o fim da existência de alguém está relacionado com a falta de descendência.

Amalá: comida ritual do candomblé, dedicada à Xangô, Iansã, Obá e Ibêji.

Amanso: envenenamento paulatino de um branco por vingança de algum escravo. Para “amansar-senhor” era preparado uma mistura de folhas de pango (colhidos por homem longe da vista de uma mulher), pipi, tajá, estramônio, esponjeira-do-brejo e urina. Era necessário colocar aos poucos na comida do senhor, provocando

alucinações até chegar ao *banzo* e matar.

América Portuguesa: além desse nome, o Brasil foi chamado antes de Ilha de Vera Cruz ou Santa Cruz (1504), Terra dos Papagaios, Terra dos Brasilis, Terra dos Brasis, Brazil (1527) até chegar em Brasil. Os tupi chamavam de Pindorama, terra das palmeiras.

Angana: escrita aportuguesada de *ngana*; patroa, ama, senhora em quimbundo; filha mais velha da senhora; filha; tratamento dado pelo senhor à filha;

Angola Janga: significa Pequena Angola; como era chamado o Quilombo dos Palmares pelos próprios quilombolas. “Palmares” é como os colonos chamavam.

Anjinho: instrumento de tortura utilizado desde o período medieval que prensa os dedos do torturado, muito usado com os escravizados da Era Moderna.

Apadumé: do fom, *akpadume*; “rainha das guerreiras”, título da comandante das Ahosi no Daomé.

Aringa: praça fortificada para guerras entre os cafres, núbios e zulus.

Arquitetura dos engenhos de açúcar: *casa das fornalhas* - processo ulterior à moagem, em que se cozinhava o caldo da cana nas caldeiras. O resultado do processo é o melaço de cana. *Casa de engenho* - onde era produzido o açúcar. *Casa de purgar*: onde separava-se o melaço dos cristais de açúcar; o processo chamava-se “purga”, que significa purificação. *Casa-grande* - na época chamada de casa de morada ou casa de vivenda, o termo “casa-grande” só surgiu no século XIX. De suma importância aos donos dos engenhos, também era a capela.

Arroba de açúcar: medida usada na época, hoje, equivalente a cerca de uma tonelada e meia.

Axé: força vital, poder, energia; do iorubá.

Axó funfun: roupa branca em iorubá.

Azagaia ou zagaia: espécie de lança utilizada como arma de arremesso por guerreiros africanos.

B

Babá: *dadá*; pai, chefe, guia espiritual.

Babaça: irmão ou irmã gêmeo(a), *mabaça*, do quimbundo.

Babalaô: pai de santo.

Bacalhau: um dos instrumentos de punição mais usados na época, pequeno chicote de tiras de couro com nós ou lâminas de metal nas pontas.

Bakongo: etnia predominante no reino do Congo e presente até hoje nos países Angola, Congo e República Democrática do Congo. São falantes do kikongo.

Bacamarte: tipo de arma de fogo bastante utilizada no século XVIII. Pode possuir cano curto ou longo.

Balafon: instrumento musical com teclas, precursor do xilofone. A sosso-bala é uma variante que para os povos mandinga era considerado um símbolo de liberdade. Do território da África Ocidental que pertenceu ao império Mali (atual Mali e Guiné).

Bambá: sedimento de azeite de dendê ou óleo de palma que serve de combustível para iluminação.

Bambaré: *bamboré*; do quimbundo, arruaça, barulho, briga, pancadaria.

Bambê: divisa, margem, limite, do quimbundo *mbambe*.

Bambula: espécie de viola banta; como são chamadas carinhosamente as mulheres mais queridas, as *ialês* ou as *ocaias*.

Bangalas: *inbangalas*, *mbangalas*; etnia da região Congo-Angola, praticantes de antropofagia ritual. Para se tornar um bangala era necessário passar por ritos de iniciação. Arrancavam os dois dentes superiores da frente, origem do termo “banguela”.

Banguê: como eram chamados os engenhos de açúcar e a propriedade rural das lavouras. Os senhores de engenh eram chamados de banguzeiros.

Bantu: tronco linguístico que abrange a maioria das línguas faladas na África Subsaariana, muitas vezes é utilizado para designar o conjunto de etnias desta região. Todavia, não existe uma etnia que se autodenomine bantu, é uma classificação genérica que desconsidera a pluralidade e diversidade de etnias africanas.

Banzo: do quimbundo, “mbanza”, sinônimo de depressão.

Banzeiro: vago, pensativo, triste.

Banzé: barulho, desordem, gritaria.

Batalha de Ambuíla: ocorreu em 1665, no Reino do Congo. Ainda que perdedores da batalha, os congoleses mataram mais de 5 mil portugueses.

Batavos: designação aos povos dos Países Baixos; holandeses, neerlandeses, flamengos. Dominaram a região da Capitania de Pernambuco entre 1630 e 1654. As invasões holandesas tornaram o terreno fértil para as fugas dos negros.

Binda: vasilha para líquidos; panela de pedra ou de barro.

Boçais: africanos que não sabiam falar português e desconheciam a religião e os costumes católicos. Geralmente eram enviados às lavouras.

Bondar: matar; utilizado em Angola.

Bongar: buscar, procurar, tomar, do quimb. *bonga*.

Borchnegers: negros da mata, como os holandeses se referiam aos quilombolas.

Buala: “aldeia” em kikongo.

C

Cafife: moléstia provocada por feitiço; desânimo, depressão; sucessão de aborrecimentos, dificuldades.

Cafunje: moleque, travesso, ladrão.

Cagunfa: medroso; Angola.

Calhambola: termo usado durante o período colonial para designar escravizados fugidos.

Calundu: aborrecimento, mau humor, do quimbundo; ente sobrenatural que dirige os destinos humanos e, entrando no corpo de alguém, o torna triste, nostálgico.

Calunga: mar;

Candongia: ação de má-fé, trapaça, afeto enganoso e fingido.

Canjerê: feitiçaria ou reunião para a prática de feitiçaria.

Capiangar: furtar; induzir ao engano para tomar posse de algo.

Capitão-do-mato: capataz assalariado encarregado de recuperar “negros fujões”.

Capoeiras: vegetação rasteira, com origem no tupi.

Capoeiragem: o exercício da capoeira.

Carapinho: crespo ou encrespado, relacionado ao que é negro ou de origem negra.

Caravanas: grupos formados por escravizados e traficantes de escravos que percorriam longas distâncias até chegar ao destino onde os negros seriam vendidos.

Cauris: búzio utilizado como moeda na África antigamente. As mulheres nobres utilizavam como ostentação na vestimenta. *Zimbo, nzimbo, jimbô*.

Cavalaria: toque no berimbau para alertar a vinda de inimigos e desfazer a roda de capoeira.

Chorão: adereço sagrado do candomblé; espécie de véu feito de miçangas que é usado pelas orixás Obá, Iemanjá, Oyá (Iansã), Nanã e outras.

Choupanas: casa rústica com telhado de palha ou sapê; moradias de Palmares; choças, palhoças, ocas; *onjô*;

Comer tronco: apanhar, ser chicoteado no pelourinho.

Construções em Palmares (fictícia, baseada no Memorial de Palmares): Oxile Ewe (“terreiro das ervas”, enfermaria); Onjô Kuzambê (“Casa dos Campo Santo”, onde ocorrem os rituais); Muxima Angola Janga (“Coração de Angola Janga”, oca real onde haviam os conselhos); Kilombo (campo militar, arena).

Corá: instrumento musical de cordas, utilizado por povos da África Ocidental.

Costa do Ouro e dos Escravos: atuais Gana, Togo, República do Benim e Nigéria.

Crioulos: nascidos no Brasil, filhos de europeus com africanos. Geralmente enviados aos trabalhos domésticos por serem falantes e compreenderem a língua portuguesa.

Cufar: morrer, falecer.

D

Desencarnar: expressão utilizada nas religiões de matriz africana para designar alguém que não está mais vivo. Não chama-se “morto”, pois acredita-se que a vida continua fora do corpo físico, a carne.

Diamba: liamba, riamba; maconha ou outras ervas entorpecentes.

Disê: pai em kikongo.

Donas: mulheres de grande prestígio e importante posição social, no português arcaico.

Dunga: como os negros da Costa chamavam seu senhor mais poderoso; maioral; “Dunga-Tará, sinherê!” saudação de humildade perante alguém poderoso;

E

Ebó: oferenda ao orixá, deixada tarde da noite, de preferência em encruzilhadas; *efifá*.

Egum: nas religiões de matriz africana é o espírito dos mortos.

Egungun: aparição de almas.

Ejó: cobra em iorubá.

Elegbá: orixá que comunica os orixás com os seres humanos; também chamado de Eleguá, Eleguava, Elegbará; *Exu*.

Engenho real: usa a água para movimentar a moenda, em oposição ao engenho trapiche que usa a força animal (bois).

Entradas: como eram chamadas as investidas contra quilombos que eram financiadas pela Coroa. Quando eram iniciativas particulares de senhores de engenho, chamavam-se “expedições” ou “bandeiras”.

Erê: ponto exato entre o consciente da pessoa e o inconsciente do orixá, por meio deste que o orixá manifesta sua vontade; do iorubá “brincar”;

Escarificação: prática comum em algumas tribos africanas, mutila-se o corpo voluntariamente ou por tradição para tatuagens com cicatrizes ou a raspagem dos dentes.

Escravos da terra: como eram chamados os indígenas; *tapuias*.

Etíopes: como eram chamados os africanos genericamente pelos europeus e a África de Etiópia(s), Guiné(s), Negrolândia.

F

Fábricas: como eram chamadas as moendas e caldeiras dos engenhos.

Farinha da terra: farinha de mandioca, um dos alimentos mais utilizados nas viagens negreiras e muito consumido no Brasil, por herança indígena.

Febre de prisão: doença tifo, também conhecida como tifo murinho; muito comum em prisões e nos navios negreiros, assim como a disenteria e escorbuto. Em terra, eram comuns sarampo, varíola, malária, febre amarela.

Feitor: profissional remunerado encarregado de castigar e vigiar os escravos.

Ferrete: instrumento de ferro com um símbolo na ponta que era utilizado para a marcação de gado ou seres humanos. Colocava-se sobre chamas até ficar incandescente e queimava-se a pele.

Florim: antiga moeda holandesa. A cabeça de um negro fugitivo valia 15 florins, um valor alto no século XVII.

Fogo, armas de: mosquete, bacamarte (chamada de “riuna” no Nordeste), arcabuz (espingarda), pistola.

Furunfar: ter relações sexuais, copular.

G

Gana-goga: homem que fala muitas línguas, utilizado pelos fulas (etnia africana).

Ganga Zumba: grande senhor.

Geofagia: ato de ingerir terra. Era a forma que muitos dos acometidos pelo *banzo* se suicidavam, pois infectavam-se com vermes até ficarem extremamente anêmicos.

Gibão: feito de couro animal ou algodão, uma roupa que servia para proteger de flechadas.

Gongolô: bicho cabeludo; centopeia, lagarta de fogo; vagina.

Grilhões: argolas presas aos pés com um peso para evitar a fuga.

Gruncis: etnia africana poliândrica.

H

Hierarquia do Reino do Dongo: Ngola (soberano), soba (líder local), makota (idosos conselheiros do rei), manidongo (sacerdote), tandala (1º ministro), tandala de cari (2º ministro), ngolambole (líder do exército), macunze (embaixadores reais), murinda (chefes de família), kijuku (escravos que não podiam ser vendidos) e mubika (escravos que podiam ser vendidos).

Hima: macaco em quimbundo.

Humbiumbi: humbi; umbi-umbi; cegonha-de-abdim; pássaro que habita grande parte do continente africano, acredita-se que traz chuva. Música do folclore angolano em que representa uma ave que voa alto ao contrário de katimbamba, de voo rasteiro, a letra é na língua banta umbundu.

I

lalê: mulher preferida entre muitas esposas; do iorubá.

lansã: Oyá, Oiá; orixá feminino das tempestades e raios; significa “a mãe do entardecer”. Sua saudação é “Iyá-mésàn-òrun”, mãe dos nove *orun*; é uma das esposas de Xangô. Sincretizada com Santa Bárbara. Ela também é a que leva os mortos do Aiyê ao Órum.

Inhame pilado: amassado com pilão, alimentação comum entre os iorubás.

Irukerê: eruquerê, eiru, iruexim. É o apetrecho utilizado pela orixá lansã (Oyá) e Oxóssi; feito de cauda de boi, búfalo ou cavalo.

J

Jagas: nome genérico para algumas etnias angolanas formada por guerreiros nômades; entre eles estavam os inbangalas na África Central que possuíam rituais antropofágicos.

Jirau: do tupi, armação que serve para muitas coisas; cama.

Jongo: dança de origem africana; pode significar “bala” ou “flecha”; *nzongo* em kikongo e *songo* em quimbundo, é ferir, criticar, ironizar.

K

Kanda: família em kikongo.

Kijuku: cativos do Reino do Dongo com status social mais elevado que os mubika, não podiam ser traficados, formavam comunidades e trabalhavam sob a supervisão de um administrador designado pelo rei ou soba (local).

Kilembe: na mitologia dos povos umbundu (Angola), é a árvore que passa a existir com o nascimento de um indivíduo e o destino da kilembe reflete a vida do indivíduo.

Kimanaueze: personagem da mitologia umbundu que inspirou a criação de *Kiriku* e a

Feiticeira (1998).

Kosí ewé, kosí orisá: “sem folhas, sem orixá”.

L

Lacre: aplicação de cera derretida nas feridas de um escravizado. Também enfiava-se tições de brasa incandescente.

Ladinos: escravizados africanos que entendiam o português, costumes e crenças. Eram enviados aos trabalhos domésticos. Oposto de *boçais*.

Lançados: também chamados de tangomaus, europeus e seus descendentes que haviam se adaptado ao continente africano e à população nativa.

Libambo: do quimbundu, corrente de ferro utilizada para prender escravizados pelo pescoço enfileirados. Passou a designar as carnavas de escravos. Em português de Portugal, “conduta” e no sul do Congo, “ekibuka”. Também era como chamava-se a argola de ferro que era presa ao redor do pescoço para marcar fugitivos.

Lukeni lua Nimi: primeiro *manicongo*, rei e fundador do Reino do Congo.

Luzolo: *nzolo*, amor em kikongo.

M

Macamba: quimb. camaradão, grande companheiro; *malungo*; escravizados pertencentes ao mesmo dono.

Machadinha de guerra: arma muito utilizada pelos jagas como arma de arremesso.

Macota: aquele que possui prestígio; idosos da elite do Reino do Dongo, possuíam função de conselheiros do *ngola*.

Maculo: diarreia fortíssima com jatos de sangue, chamada de “mal-de-bicho”; muito comum entre os escravizados.

Maltas: também chamado de badernas, eram agrupamentos de negros capoeiristas que disputavam território e usavam a violência com fins políticos.

Malungo: no quimbundo significa as correntes de ferro com que se prendiam os escravos. No Brasil, passou a significar a pessoas que tinham viajado acorrentados um ao outro no navio negreiro. Companheiros de jornada e infortúnio, companheirismo, amizade.

Malunga: distintivo de nobreza; pulseiras de miçanga usada por mulheres importantes ou tornadas importantes pelo casamento; mulher nobre; companheira fiel.

Mama sumé: grito de guerra usado em uma tribo no sul de Angola, significa “aqui estamos, prontos para o sacrifício”. No século XIX foi apropriado pelo exército português.

Manicongo: soberano máximo do Reino do Congo, vivia em M’banza-Congo, a capital. Maní significa “senhor”. Rei: *neuvangue*, rainha: *nembanda*.

Mansa: imperador no Sudão; Mansa-Ganga ou Mansa-Gana significa rei dos reis.

Mãos-de-pilão: pesadas peças de madeira com um formato de taco usadas para descascar arroz, triturar milho e outros cereais.

Maranduba: maranduva; história, caso, conversa longa; do tupi.

Marcador de negros: nome do profissional responsável por carimbar os escravizados. Havia outro funcionário, o “capitão das marcas” que o supervisionava. Era necessário vários assistentes para segurar o cativo.

Máscara de Flandres: utilizada para impedir que os escravizados ingerissem substâncias nocivas, que se suicidassem ou bebidas alcoólicas pertencentes aos senhores.

Mascavado: açúcar mais barato que o branco que ficava no fundo do recipiente e na ponta do pão-de-açúcar.

Massumba: corte real; área de palhaças situadas dentro do cerco real.

Matamba: divindade feminina do candomblé bantu (ou candomblé de angola/congo), dos escravizados falantes de quimbundo. Ela é uma guerreira, *Nkisi* (espírito) do fogo, da paixão, do desejo sexual. O reino da Matamba foi fundado por Njinga Mbandi.

Mataco: nádegas em quimbundo.

Mazu: bagunça, algazarra, barulho em kikongo.

Mbuetete: estrelas em kikongo.

Mbumba Kalunga: Deusa Criadora adorada no reino do Congo.

Mestre de açúcar: trabalhador assalariado especializado em experimentar o açúcar e garantir a qualidade.

Mingongo: larva de besouro que vive no coco babaçu ou palmeiras semelhantes, sendo muito apreciado pelos palmarinos; pode ser frito ou cru sendo temperado com limão; *turu, gongo, tapuru, coró, morotó, fofó, boró, bicho-do-coco*.

Mino: na língua fon significa “nossas mães”, era como eram chamadas as guerreiras *Ahosi* pelo exército masculino do Daomé.

Mironga: mistério, segredo, quimb.

Miúdo: criança, menino; usado no português de Portugal.

Moagem: primeiro processo da fabricação de açúcar, no qual o açúcar é moído por

moinhos d'água.

Molecão: negro escravizado entre 6 a 18 anos, mais velho que essa faixa etária é chamado de moleque.

Mpângi: irmão em kikongo; pronuncia-se “mpângui”.

Mpembe: homem branco em kikongo.

Mputulukêzo: “portugueses” em kikongo. Para dizer Portugal, diz-se “país dos portugueses”, *kinsi kya mputulukêzo*;

Muafa: embriaguez; intemperança.

Muamba: negócio ilícito; velhacaria; vigarice, contrabando.

Muanga: juramento solene feito com sangue de polegares cruzados, comum entre os cafres de Inhambane.

Muana: filho em kikongo. *Ame muana* significa “meu filho” ou “minha filha”.

Mubika: No Reino do Dongo, eram cativos que podiam ser vendidos para o tráfico transatlântico, capturados durante as guerras.

Mucamas: mulheres que são encarregadas do serviço doméstico na casa-grande; ama de leite; do quimb. “escrava com cubina”.

Mucual: punhal, faca de ponta; sabre de dois gumes, *mucuali*, *muncuali*.

Mucufa: covarde, fraco, medroso; trapaceiro; insignificante.

Muene: senhor, chefe, amo, rei; “muene da gente”, “muene de nós”, chefe muito estimado de seu povo; expressão carinhosa, bem-amado.

Mukange: máscara em quimbundo.

Mukuiu no Nzambi: Deus te abençoe; forma de pedir e receber bênção, sinal de respeito aos mais velhos e de obediência à hierarquia de experiência. Utilizado pelas nações de Angola do candomblé.

Mulambo: trapo, homem esfarrapado; “mulambento”.

Mumbica: raquítico, enfezado, fraco.

Mundaú, rio: “água de ladrão”, do tupi. O principal rio de abastecimento do mocambo do Macaco.

Muxinga: castigo corporal, surra em quimbundo.

Muzungu: pessoa branca ou não-negra; pode ser pejorativo; eterno forasteiro, aquele que nunca vai pertencer ao lugar. Em *Dandara* é utilizado para designar não a cor de pele, mas todos aqueles que querem destruir Angola Janga. Embora houvesse bandeirantes de diversas etnias, sempre eram financiados e comandados por homens brancos.

N

Negros da mata: *calhambolas*, quilombolas, como eram chamados os negros que fugiam.

Ngana: “senhor” em quimbundo. Sofre variantes “gana”, “maganga” e “ganga”. Também é traduzido como “grande sacerdote” ou “feiticeiro”, em lingala também significa feiticeiro.

Ngijí: rio em quimbundo.

Ngolo: provável origem da capoeira; dança tradicional no sul de Angola; também chamado de Dança da Zebra, oriunda da observação da briga dos machos zebras pelas fêmeas. Outra teoria é que proveio da *bássula* ou *cuissamba*.

Nuni: pássaro em kikongo.

Nyambe: Deus, em kikongo com muitas variantes nas línguas bantu, como “Nzambi”.

Nyame ou iyã: inhame; alimento muito utilizado por diversas etnias africanas.

O

Obá: nome dado ao soberano local no Reino do Benim. Também o Império de Oyo, vizinho, elegia monarcas sacerdotais de mesmo nome, “obas”.

Ocaia: esposa predileta em quimbundo; *ocaíá*.

Ocu: a morte; morrer, em iorubano. *Iku* é o orixá de personificação da morte.

Ofá: arco e frecha em iorubá, a arma do orixá Oxóssi.

Ófua: falecido, morto em kikongo.

Ogã: senhor, chefe em iorubano, rei, governante, no candomblé é um sacerdote, *obá*.

Ogum: orixá guerreiro associado ao santo católico São Jorge, sua arma é a lança.

Ojá: turbante branco utilizado nas religiões afro-brasileiras.

Oku abo: “bem-vindo” em iorubá.

Omokunrin: menino, moleque, garoto, rapaz em iorubá.

Orixás: segunda-feira - Exu e Omulu; terça - Oxumaré; quarta - Xangô e Iansã; quinta - Oxalá e Ogum; sexta - Oxalá e Obatalá; sábado - Oxum e Iemanjá; domingo

- todos os orixás menores;

Orobó: noz-de-cola; ao ser mastigado no momento em que alguém profere uma praga ganhar grande poder; se a pessoa é vítima de uma praga, precisa mastigar o orobó para anulá-la.

Oxum: orixá das águas doces, mãe dos orixás, criadora da vida, sincretizada com a Virgem Maria.

Oyo, Império de: império iorubá dos atuais Nigéria e Benim.

P

Paliçadas: cercas feitas com estacas apontadas e fincadas na terra; arquitetura militar de defesa.

Palmaristas: como chamavam os portugueses aos moradores de Palmares. Os quilombos eram chamados genericamente de palmares no Brasil inteiro. Palmarinos.

Papa-mel: formiga exclusivamente encontrada no continente africano. É comum ser encontrada em recipientes com substâncias adocicadas; daí o ditado em crioulo guineense *dipus di sabura mortu i ka nada* que significa “depois de experimentar uma grande alegria, a morte não é nada”.

Peças-da-Índia: escravizados considerados de primeira qualidade, jovens saudáveis e do sexo masculino. Os mais valiosos eram entre 10-14 anos, mas o parâmetro eram os de 15-25, as peças-da-Índia. Ex: 3 molecões de 6 a 18 anos = 2 peças da Índia. 2 de 35 a 40 = 1 peça da Índia. Os donos chamavam seus escravizados de “peças”.

Pelourinho: também chamado de picota, onde se açoitavam os escravizados.

Preste: padre, sacerdote; derivado de presbítero em português arcaico.

Preto-novo: africanos escravizados que estavam recém-chegados no Brasil e não

havam criado laços com a comunidade em que viviam.

Principais: designação dos portugueses aos chefes de mocambo e semelhantes.

Pumbos: ou kitandas, eram as feiras no interior da África que vendiam escravizados.

Q

Quatro, número: é um número sagrado na tradição iorubá, o mundo foi gerado em 4 estações, 4 elementos da natureza e 4 pontos cardeais.

Quibungo: animal lendário que fala e tem a boca nas costas que usa para devorar crianças, como um bicho-papão.

Quilombo: foi mais usado depois de 1687, enquanto que antes era chamado de “mocambo”, familiar aos fugitivos da Bahia no século XVII e XVIII. *Kilombo* é sinônimo de fortaleza ou acampamento em determinadas línguas bantu. Para os ingambalas era um campo militar onde se realizavam rituais de iniciação de guerreiros. Mukambu vem do quimbundo que significa “esconderijo ou fortificação”.

Quimbombo: *endoque*; feiticeiro real, pai-de-terreiro.

Quimbundo: também chamado de dongo, kindongo, mbundu, luanda. Idioma falado no centro de Angola.

R

Réis: antiga moeda portuguesa.

Religião de Palmares: não se pode ter certezas, mas estipula-se que eram cultuados os espíritos ancestrais, orixás (nagôs-iorubás), voduns (jejes) e inquices (banto).

Revolta dos Angolares: também chamada de Revolta do Rei Amador, foi uma revolta ocorrida em 1595 em São Tomé. Os rebeldes chegaram a ocupar 2/3 da ilha, mas os portugueses venceram e enforcaram e esquartejaram os líderes.

Rios que abasteciam Palmares: o mais próximo Mundaú, Ipojuca “água das raízes podres”; Paraíba, Canhoto; Sirinhaém, Una, Camaragibe e Jacuípe. Riachos: Paraibinha, Pimenta, Breião. Havia numerosas fontes na serra.

S

Sabura: período agradável, gozo, grande alegria; do crioulo guineense.

Sacuê: galinha d’Angola.

Sankofa: ideograma adinkra de um pássaro voltado com a cabeça para trás carregando no seu bico um ovo, o futuro. Pode ser traduzido literalmente por “voltar e pegar”. Provérbio dos povos acã, *se wo were fi na wosankofa a yenkyi*: “não é errado voltar atrás pelo que esqueceste”. Retornar ao passado para ressignificar o presente e construir o futuro. Os acã residem em uma região entre Gana, Togo e Costa do Marfim.

Saudações: Ocu-saruê - saudação à um morto ilustre ou à própria morte; Saruê - meus respeitos, saudação com muito respeito; Olorum didê - que o maior dos deuses te acompanhe! Olorum modupê - que o deus dos deuses te proteja; Cô si obá cã afi, Olorum! - não existe nada mais poderoso que Olorum.

Senzala: povoado, comunidade, aglomeração de trabalhadores agrícolas ou imigrantes; *sanzala*, aldeia em quimbundo.

Sertanejos: ou pombeiros eram agentes dos traficantes de escravos que recebiam e transportavam a mercadoria humana, geralmente os sertanejos eram negros. Por andarem calçados, eram considerados brancos.

Sobas: chefes locais no Reino do Dongo (Angola) que eram temidos e respeitados pelos portugueses, nada acontece em seu território sem que eles saibam. Os aliados dos portugueses eram conhecidos como “vassalos” e os demais “gentios”.

Sona: sistema de símbolos memorizados e transmitidos a cada geração. Os símbolos são desenhados na areia enquanto o mais velho conta histórias do povo

tchokwe (habitam a região entre Angola, Zâmbia e Namíbia).

T

Tabas: aldeias indígenas. Abrigavam cerca de 30 a 60 famílias cada uma.

Tapuia: índio que não falava tupi-guarani. Os portugueses passaram a utilizar essa denominação para qualquer etnia indígena.

Tata: “pai” em algumas línguas banto como o quimbundo. *Baba* ou *dada* em iorubá.

Tatanaguê: pássaro africano que é atribuído divindade; indicador de bons caminhos, livre de despacho; *tatanguê*

Tibíra: irmão mais novo em tupi antigo.

Timbó: do tupi, entorpecimento do corpo, moleza.

Trabalho feito: feitiçaria; despacho; *ebó*.

Tumbeiros: como eram chamados os navios negreiros, devido ao alto índice de mortalidade nas viagens.

Turu: ou bicho-de-pau, molusco afrodisíaco extraído do interior de palmeiras podres.

U

Uantuafuno: escravo ou vassalo subordinado à um soba; *vantuafuno*.

Ubuntu: cosmovisão da África Sub-saariana, “eu sou porque nós somos”.

V

Virar no santo: expressão utilizada no Candomblé quando alguém entra em transe.

X

Xacoco: do quimbundo, velhaco, ordinário, malvado; termo pejorativo.

Xendengue: franzino, magro, fraco, sem valor; quimb.

Y

Yalodê: do iorubá, a que lidera e potencializa outras mulheres; está associada à Oxum.

Yeji: nome iorubá que significa “a imagem da mãe”.

Z

Zambo: filho de preto e índio; cafuzo.

Zimbo: concha utilizada como moeda em várias regiões da África. Também é encontrada em praias da Bahia.

Zona: “filho” em quimbundo e “irmão” em lunda. Variante: iomba.